

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE VETERINÁRIA**

**POSSÍVEIS APLICAÇÕES PARA MEDICAMENTOS HOMEOPÁTICOS NA  
MEDICINA VETERINÁRIA**

**Jéssica Goulart da Rocha**

**PORTO ALEGRE**

**2019/1**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE VETERINÁRIA**

**POSSÍVEIS APLICAÇÕES PARA MEDICAMENTOS HOMEOPÁTICOS NA  
MEDICINA VETERINÁRIA**

**Autor:** Jéssica Goulart da Rocha

**Trabalho apresentado à Faculdade de  
Veterinária como requisito parcial para  
a obtenção da graduação em Medicina  
Veterinária**

**Orientador:** Prof. Rui Fernando Felix Lopes

**PORTO ALEGRE**

**2019/1**

**Jéssica Goulart da Rocha**

**POSSÍVEIS APLICAÇÕES PARA MEDICAMENTOS HOMEOPÁTICOS NA  
MEDICINA VETERINÁRIA**

Aprovado em

APROVADO POR:

---

Prof. Dr. Rui Fernando Felix Lopes  
Orientador e Presidente da Comissão

---

Prof. Dr. Susana Cardoso  
Membro da Comissão

---

Prof. Dr. Régis Adriel Zanette  
Membro da Comissão

## AGRADECIMENTOS

Ao meu querido orientador professor Rui Fernando Felix Lopes por ter embarcado comigo nesse trabalho de descobrimentos e aquisição de novos conhecimentos para ambos, por toda atenção e carinho no auxílio para o desenvolvimento de cada etapa, por toda dedicação e presença mesmo nas situações mais adversas da vida. Ainda, por ser um exemplo de ser humano e professor que coloca todo o amor e energia para transmitir o que sabe com compaixão e paciência. Minha gratidão eterna por todo carinho e ensinamentos.

Aos meus pais, Rosane Angelini Goulart e Paulo Teixeira da Rocha, por toda compreensão que sempre tiveram comigo nessas mudanças da vida, por sempre estarem ao meu lado me apoiando, sem críticas ou julgamentos. Obrigada pela paciência, amor e dedicação. Obrigada por cuidarem dos meus filhotes enquanto eu passava os dias na faculdade, os finais de semana estudando ou apenas cansada demais para dar a atenção e cuidados que eles precisavam. Obrigada minha querida mãe por todas as marmitas preparadas, por todas as vezes que acordastes cedo comigo para estar ao meu lado e preparar um café da manhã, por ser essa mãe incansável que me protege e ama sempre.

Ao meu namorado, Thiago Bischoff Müller, pela parceria e companheirismo em todos os momentos finais dessa jornada e nos outros momentos da vida, tornando a caminhada mais leve e agradável.

Aos meus filhos de quatro patas, Tom, Bud e Branquinha, por todo amor e companheirismo incondicionais ao longo dos anos e em todos os momentos.

Ao yoga e aos mestres e amigos desse caminho de iluminação, pelos conhecimentos, pela paz e harmonia que me trouxeram, tão fundamentais na realização desse trabalho.

A colega Claudia Ruga Barbieri, pela ajuda com a literatura e dúvidas homeopáticas, auxílio sem o qual eu não saberia por onde começar a escrever.

A todos os amigos, parentes e colegas que estiveram ao meu lado nesses anos de medicina veterinária, gratidão por cada ensinamento, pelos momentos bons e de dificuldade, pois todos me trouxeram até aqui e por eles eu sou eternamente grata.

## **EPÍGRAFE**

“Se as leis que proclamo são as da Natureza,  
elas serão válidas para todos os seres vivos.”

(Samuel Hahnemann)

## RESUMO

A homeopatia é uma prática médica holística existente há mais de 200 anos desde sua descoberta pelo médico alemão Samuel Hahnemann. A terapia homeopática tem como base diversos princípios fundamentais que norteiam a escolha de um medicamento para cada paciente. Suas possibilidades de uso são inúmeras e a utilização desses medicamentos alternativos vem crescendo consistentemente nos últimos anos devido a uma maior procura de tutores de pequenos animais, como cães e gatos, por tratamentos menos agressivos e onerosos aos *pets*. Além disso, cresce o interesse e o apelo por alimentos de origem animal produzidos de forma orgânica, livres de resíduos químicos como agrotóxicos, antibióticos e outros fármacos usados na cadeia produtiva de diversos produtos alimentícios como carnes e leite. Nesse contexto, a homeopatia surge como uma alternativa que apresenta muitas vantagens frente à terapia convencional com medicamentos alopáticos e vem ganhando espaço na rotina de médicos veterinários homeopatas. Entretanto, ainda há muito desconhecimento sobre esses medicamentos, o que ocasiona muitas vezes a escolha por tratamentos convencionais. Por isso, é importante que a medicina veterinária invista em pesquisas dentro da área e que o médico veterinário esteja disposto a conhecer e implementar essa prática em sua rotina.

**Palavras-chave:** homeopatia, animais de companhia, produção animal, orgânicos.

## ABSTRACT

*Homeopathy is a form of holistic medical practice existent for more than 200 years since its discovery by the German doctor Samuel Hahnemann. The homeopathical therapy has as its base a number of practical fundamentals that guide the choice of medicament for each patient. Their possibilities of use are numerous and the utilization of these alternative drugs has been growing consistently in the last years due to higher demand from tutors of small animals, like cats and dogs, for less aggressive and less expensive treatments to their pets. Furthermore, it grows the interest and the appeal for organic animal products, free from chemical residue, pesticides, antibiotics and other pharmaceuticals products used in the animal production chain from various food products such as meat and milk. In this context, homeopathy comes as an alternative that shows many advantages when compared to conventional therapies that use allopathic drugs and has shown a growth in use in the routine of homeopathical veterinarians. However, there is a lack of knowledge about these medicaments, which many times, causes the choice for conventional treatments. For this reason, it's essential that veterinarian medicine invests in research in this area and that the veterinarian practitioner be willing to gather knowledge and implement these practices in its routine.*

**Keywords:** *homeopathy, companion animals, animal production, organic products.*

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2</b>	<b>HISTÓRICO</b> .....	11
<b>2.1</b>	<b>Medicamentos homeopáticos no Brasil</b> .....	13
<b>3</b>	<b>MEDICAMENTO HOMEOPÁTICO</b> .....	17
<b>3.1</b>	<b>Princípios básicos da homeopatia</b> .....	17
3.1.1	Lei da semelhança.....	18
3.1.2	Experimentação no homem são .....	18
3.1.3	Doses mínimas ou infinitesimais .....	18
3.1.4	Uso do medicamento único.....	20
3.1.5	Sucussão.....	20
3.1.6	Tratamento do paciente e não da doença .....	21
3.1.7	Força vital .....	22
<b>3.2</b>	<b>Diferenças e semelhanças com a terapia convencional</b> .....	23
3.2.1	A escolha do tratamento .....	25
3.2.2	Efeitos e mecanismo de ação dos medicamentos homeopáticos .....	28
<b>3.3</b>	<b>Questionamentos sobre os medicamentos homeopáticos</b> .....	29
<b>4</b>	<b>HOMEOPATIA NA MEDICINA VETERINÁRIA</b> .....	32
<b>4.1</b>	<b>Homeopatia na clínica de pequenos animais</b> .....	34
4.1.1	Homeopatia no tratamento de doenças dermatológicas.....	36
4.1.2	Homeopatia no tratamento de doenças neurológicas e distúrbios comportamentais.....	39
4.1.3	Homeopatia no tratamento de doenças neoplásicas.....	42
<b>4.2</b>	<b>Homeopatia na clínica de grandes animais e na agropecuária orgânica</b> .....	45
4.2.1	Tratando os animais de produção com homeopatia.....	47
4.2.2	Homeopatia na bovinocultura de leite e de corte.....	49
4.2.3	Homeopatia na avicultura de corte .....	55
<b>5</b>	<b>CONCLUSÕES</b> .....	59
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	61

## 1 INTRODUÇÃO

A utilização dos medicamentos homeopáticos na medicina veterinária é, atualmente, uma realidade em expansão com comprovações práticas em inúmeros trabalhos e relatos por parte de médicos veterinários homeopatas que enxergaram na homeopatia uma vantajosa terapia sobre a medicina convencional. São muitas as vantagens apresentadas por esses medicamentos: ação rápida e eficiente, eficácia no tratamento de doenças graves, ausência de saturação do organismo frente à medicação, lucratividade na produção de animais por seu menor custo, fácil administração e ingestão e podem ser utilizadas em qualquer espécie animal e/ou vegetal (PIRES, 2005).

Nos dias atuais, existe um grande apelo da população por práticas médicas que sejam menos agressivas aos animais e ao meio ambiente como um todo, tanto na clínica veterinária quanto na produção de alimentos de origem animal. Esse apelo está baseado em um aumento crescente da consciência das sociedades sobre os possíveis prejuízos que uma alimentação com resíduos tóxicos pode causar (ARENALES, 2002). Além disso, muito se ouve sobre o espantoso aumento no índice de resistência a diversos fármacos como antimicrobianos e antiparasitários utilizados diariamente para o tratamento de pequenos e grandes animais.

Por esses motivos, a aplicação da homeopatia na clínica e na agropecuária vem ganhando espaço ao proporcionar tratamentos menos agressivos e culturas e alimentos livres de agrotóxicos, onde é possível, por exemplo, controlar pragas sem o uso indiscriminado e potencialmente perigoso de venenos que acabam por se impregnar nos alimentos que chegam aos pratos dos consumidores (BENEDETI, 2010). Grande parte dos países desenvolvidos e que fazem parte do mercado importador de produtos animais brasileiros estão ávidos por consumir produtos de origem animal, como carne e leite, sem resíduos químicos e de criações que prezem pelo bem-estar dos animais. Dentro desse contexto, a homeopatia é uma das únicas alternativas possíveis para se alcançar o objetivo de produções certificadamente orgânicas de acordo com as normas do Ministério da Agricultura (ARENALES, 2002).

Quanto aos pequenos animais que fazem, cada dia mais, companhia e parte das famílias, existe também uma preocupação com a qualidade de vida dos *pets*. Vem crescendo a procura dos tutores por tratamentos alternativos aos cães e gatos, principalmente, onde o tutor encontra a satisfação por observar a cura de seu animal e por saber que ele está menos intoxicado com medicamentos possivelmente prejudiciais (SOUZA, 2002). Além disso, os medicamentos homeopáticos possuem menor custo e, muitas vezes, são o último recurso dos tutores após frustradas tentativas de tratar seus animais com a medicina convencional. Tais

fatos mostram a necessidade de se adotarem novos estilos de prática veterinária que levem em conta as terapias alternativas tão eficazes, de baixo custo e de fácil acesso (GIORDANO, 2018).

É certo que ainda existem alguns fatores limitantes no uso da homeopatia como doenças que continuam sem cura e algumas patologias que são mais aptas a serem curadas pela medicina tradicional. Além disso, há pouco interesse por parte dos médicos veterinários e o conhecimento sobre o assunto ainda é restrito, fato que determina, muitas vezes, a opção pelas práticas convencionais. Apesar disso, seu crescimento é visível principalmente nas grandes cidades do país com grandes centros de pesquisa e populações mais ávidas por terapias alternativas. Porém, é necessário que se façam ainda mais pesquisas na área, maior divulgação e tempo até que a homeopatia seja adotada em escala maior pela classe veterinária (PIRES, 2005).

Somado ao desconhecimento da terapia homeopática, há a resistência para aceitação da homeopatia no meio científico que alega e ressalta as dificuldades na comprovação de sua forma de ação e na elaboração de estudos científicos padronizados. Entretanto, muitos trabalhos vêm apresentando a eficácia do tratamento homeopático em diversas doenças tanto de animais de companhia como animais de produção (AMALCABURIO, 2008).

Embora existam problemas, as análises presentes mostram um futuro promissor à homeopatia veterinária como contribuição para a saúde animal, humana e do meio ambiente. Os medicamentos homeopáticos são grandes e importantes aliados, mas para que seu potencial seja atingido é necessário muito conhecimento sobre seus princípios, objetivos e formas de uso (GIORDANO, 2018).

Pela forma como estamos conduzindo a vida no planeta, com degradação, contaminação e desequilíbrio, a homeopatia se mostra como uma possibilidade na busca pelo reequilíbrio e por práticas de não agressão. Através de sua visão holística, a homeopatia pode ser a verdadeira “arte de curar”, como disse seu criador Samuel Hahnemann (SOUZA, 2002; PIRES, 2005).

A partir dessas considerações, o principal objetivo do trabalho foi aprender sobre a homeopatia e descrever os usos possíveis e mais recentes desses medicamentos dentro da clínica de pequenos animais, principalmente cães e gatos, e também na produção orgânica de produtos de origem animal, um mercado em rápida ascensão devido ao apelo da sociedade por produtos mais naturais e que contenham menos substâncias químicas possivelmente tóxicas e adversas à saúde. Além disso, o trabalho teve como objetivo conhecer o início e relatar um

pouco da história dessa prática que existe há mais de 200 anos e o que a faz tão diferente dos medicamentos alopáticos (convencionais).

## 2 HISTÓRICO

A história dos medicamentos homeopáticos começa através de sua descoberta pelo médico alemão Cristiano Frederico Samuel Hahnemann (1755-1843). Hahnemann foi a primeira pessoa a utilizar o termo “homeopatia”, do grego “*homoios*”, que significa similar, e “*pathos*”, sofrimento. A medicina da época do médico alemão, século XVIII, era extremamente primitiva e, nesse período da história da medicina, era comum o uso de técnicas como sangrias e uso de substâncias que causassem vômitos e diarreia como uma forma de livrar o paciente de seus males (BENEDETI, 2010).

Antes de Hahnemann estudar medicina, o futuro médico fora acometido por malária, doença causada pelo protozoário *Plasmodium* e transmitida pela picada de insetos hematófagos como mosquitos. Durante o tempo em que permaneceu doente, era tratado com uma bebida servida a partir de uma substância obtida da casca de uma árvore, o quinino. Anos mais tarde, quando Hahnemann já era médico, viu despertar dentro de si a curiosidade científica que possuía e decidiu entender como aquela substância extraída de uma planta poderia tê-lo curado dos graves sintomas da enfermidade (BENEDETI, 2010).

Na busca de responder seus questionamentos, o médico fez testes em si mesmo com usos repetidos do quinino, mesmo sem estar doente, na intenção de verificar quais sintomas apareceriam em seu organismo. Então, Hahnemann descreveu suas repetidas ingestões de doses da erva até que seu corpo começou a responder com os exatos sintomas que ele sentiu na época em que contraiu a doença. Dessa forma, o médico concluiu que o motivo pelo qual o quinino foi capaz de curá-lo anteriormente é porque a substância causava no corpo sadio os mesmos sintomas que a doença (LOUDON, 2006; BENEDETI, 2010).

Porém, como pesquisador científico que era, Hahnemann precisava provar sua teoria. Ele então pediu a diversas pessoas, familiares e amigos que, voluntariamente, ingerissem doses do quinino e relatassem os sintomas físicos, mentais e emocionais que sentiam para que ele pudesse acompanhá-los nos mínimos detalhes desenvolvendo assim o que Hahnemann chamou de “*drug picture*”, a essência de cada medicamento, ou quadro sintomático característico de cada substância medicamentosa e as indicações para cada medicamento. Todos que fizeram uso da substância relataram os mesmo sintomas que Hahnemann apresentou quando esteve acometido pela malária. Mais tarde, Hahnemann chamaria esses ensaios sistemáticos de “*provings*” (provações) e seus voluntários de “*provers*” (ABOUT..., [2018?]).

Assim, o médico alemão provou para si mesmo a teoria de que uma substância poderia curá-lo de uma enfermidade se, quando ingerido por uma pessoa sadia, apresentasse os mesmos sintomas, simulando a doença (BENEDETI, 2010). Nesse contexto, surge a primeira lei da homeopatia, a lei dos similares, o princípio fundamental dos medicamentos homeopáticos proposto por Hahnemann, em 1796: “*Similia similibus curentur*”, ou seja, semelhante cura semelhante. Esse conceito data de muito antes de Samuel Hahnemann descobrir a homeopatia. Hipocrates (460-337 A.C.), o pai da medicina, foi o primeiro a identificar e relatar esse princípio dentro da medicina e, também, Paracelsus (1493-1541) no século XVI. Porém, foi só no século XVIII que Hahnemann organizou e codificou esse princípio em um sistema médico (CHASE, [2007?]).

Por sua curiosidade e rebeldia, Hahnemann desenvolveu diversos desses ensaios ao longo dos anos de sua pesquisa utilizando inúmeras substâncias e relatando seus sintomas até que seus experimentos se tornaram famosos (BENEDETI, 2010). Hoje, entendemos esses ensaios como estudos toxicológicos e, foi através de cuidadosos experimentos clínicos que o médico criou e refinou o sistema médico das homeopatias no século XIX (ABOUT..., [2018?]).

No mesmo período, houve um surto de escarlatina na região onde o médico morava e ele recebeu autorização para tratar os pacientes. Acontece que muitos dos enfermos relatavam que a substância usada, a *Atropa belladonna*, possuía um sabor extremamente desagradável. Visando o bem-estar de seus pacientes, Hahnemann realizou diluições da medicação para administrar a alguns dos doentes. A partir de sua aguçada observação, Hahnemann percebeu que os pacientes que recebiam a medicação diluída apresentavam melhora de forma mais rápida e eficaz que os que recebiam a substância sem diluição, além de apresentarem menos efeitos adversos em relação aos observados quando da ingestão de uma erva pura (CHASE, [2007?]; BENEDETI, 2010).

Nesse contexto, em 1814, surge o segundo princípio da homeopatia, a lei das doses mínimas. Com o objetivo de contornar tais problemas, o médico procedeu diluições em soluções inertes, como água e álcool, numa escala centesimal progressiva (KOSSAK-ROMANACH, 2003). Entretanto, esse foi o aspecto mais criticado e considerado implausível por médicos ortodoxos da época e, inclusive, por grande parte da comunidade científica atual. Lees *et al.* (2017a) explicam que o número de moléculas da substância ativa decresce rapidamente com as diluições estando muito além do número de Avogadro ( $6 \times 10^{23}$ ) e, após uma diluição de 12C, é improvável que exista uma única molécula da substância inicial presente e, por esse motivo, as diluições não poderiam apresentar qualquer propriedade física,

química ou biológica. Apesar disso, Hahnemann percebeu que a potência dos medicamentos não diminuía como, ainda, se tornava maior ao passar das diluições (LEES *et al.*, 2017a; WAISSE, 2017).

Somado às suas observações sobre as diluições, o médico alemão notou também que seus pacientes que moravam em uma distância maior de seu consultório se recuperavam ainda mais rapidamente que os mais próximos. A partir de tal fato, Hahnemann se perguntou qual seria a relação para explicar a diferença e chegou à conclusão que a resposta estava na agitação sofrida pelas medicações ao longo do caminho devido ao balanço provocado pelo passo do cavalo que o transportava (BENEDETI, 2010). Desse modo, surge outro princípio da homeopatia, a necessidade da sucussão.

A partir dessas descobertas, Hahnemann testou diversas substâncias e, desde a época do médico alemão, muitas medicações foram criadas. Atualmente, existem homeopantias preparadas a partir das substâncias mais excêntricas e exóticas possíveis, “que vão desde fezes de baleia até ouro” (BENEDETI, 2010). Todavia, ressaltam Lees *et al.* (2017a), “as três leis da homeopatia (similares, doses mínimas e sucussão) são arbitrárias, tendo sido inventadas por Hahnemann, mas nunca se demonstrou que tivessem uma base física”. Durante o desenvolvimento da terapêutica homeopática, Hahnemann publicou, entre outras, três importantes livros sobre os medicamentos homeopáticos: *Organon da arte de curar* (2013), *Matéria médica pura* (1811) e *Tratado de doenças crônicas* (1828) (BRASIL, 2011).

## **2.1 Medicamentos homeopáticos no Brasil**

A história da homeopatia no Brasil já tem mais de 150 anos segundo os primeiros relatos de seu uso e de publicações sobre o assunto. É consenso entre diversos autores que a introdução dessa prática no país deve-se à atuação de, principalmente, dois franceses, Benoit Jules Mure (1809-1858) e Emílio Germon (1799-?) (BENEDETI, 2010; TARCITANO FILHO; WAISSE, 2016; PUSTIGLIONE; GOLDENSTEIN; CHENCINSKI, 2017). De acordo com Benedeti (2010), Mure teve contato ao longo de sua vida com alguns médicos naturalistas e chegou a conhecer Hahnemann, “de quem foi discípulo e com quem aprendeu toda técnica”. O francês decidiu então vir ao Brasil com o intuito de criar um instituto onde pudesse prover tratamento às pessoas com menor condição social, como escravos. Na época, o governo imperial concedeu a Mure a licença para implantar em Santa Catarina seu projeto. No ano de 1844, o médico francês criou no Rio de Janeiro a primeira escola de homeopatia da

cidade que, anos mais tarde em 1859, se chamaria Instituto Hahnemaniano do Brasil (BENEDETI, 2010).

Concomitante, Germon se destaca na homeopatia brasileira como sendo o autor do primeiro texto publicado sobre o assunto no Brasil, o Manual Homeopático, em 1843. Ele também teve contato e experiência com Samuel Hahnemann e desenvolveu sua prática em solo brasileiro a partir de 1837. Apesar de tal fato, é unânime apontar Mure como o introdutor dos medicamentos homeopáticos no Brasil e, pelo fato de ter desembarcado no país no dia 21 de novembro de 1840, nessa data se comemora o Dia Nacional da Homeopatia (PUSTIGLIONE; GOLDENSTEIN; CHENCINSKI, 2017). Pustiglione; Goldenstein; Chencinski (2017) também ressaltam a “importância de Mure não apenas na divulgação da homeopatia como também na estruturação de ambulatórios destinados ao atendimento de doentes pobres e escravos, fato que lhe valeu o apelido de “o médico do povo”.

No ano de 1843 foi fundada na cidade do Rio de Janeiro a primeira farmácia homeopática do país, a Botica Homeopática Central e, no Brasil, o uso da homeopatia é reconhecido como prática médica desde o final do século XIX, tendo sido citada em decreto imperial de 1886 onde foi fundamentada e apoiada a oficialização das farmácias homeopáticas no país (PUSTIGLIONE; GOLDENSTEIN; CHENCINSKI, 2017). Em 1886, foi publicado o primeiro livro médico impresso em São Paulo, intitulado “Da Febre Typhoide e Enfermidades Sobrevientes no Brasil e seu Tratamento Homeopático” de autoria de Pedro Ernesto Albuquerque de Oliveira e, além de tal fato, Pustiglione; Goldenstein; Chencinski (2017) relatam que:

Desde então, os médicos homeopatas, através de suas associações regionais, vêm participando ativamente no processo de formação de profissionais especialistas na área, tendo sido responsáveis, também, pela formação dos primeiros farmacêuticos, cirurgiões dentistas e médicos veterinários dentro desta área de conhecimento. O impacto da recém-chegada homeopatia na sociedade brasileira da segunda metade do século XIX foi quase imediato.

Em 1843 foi fundado também o Instituto Homeopático do Brasil que passaria a se chamar posteriormente Instituto Hahnemanniano do Brasil, onde em 1912 foi fundada a Faculdade Hahnemanniana do Instituto Hahnemanniano do Brasil com curso de medicina que formava médicos aptos a exercer a profissão com enfoque tanto na terapêutica alopática (convencional) como na homeopática (GIORDANO, 2018). A partir de então, a prática da homeopatia se expandiu rapidamente, sendo fundado em 1916 o Hospital Hahnemanniano e

em 1926 foi realizado no Rio de Janeiro o I Congresso Brasileiro de Homeopatia. Seis anos após a fundação da Faculdade Hahnemanniana, em 25 de setembro de 1918, um decreto legislativo autorizou o Instituto a habilitar médicos homeopatas. Assim, em 2018, o reconhecimento e autorização da “prática homeopática como ato médico e a formação de especialistas” completou 100 anos (PUSTIGLIONE; GOLDENSTEIN; CHENCINSKI, 2017).

Os avanços e conquistas legislativas foram enormes durante o século XX. Em 1952, a Lei nº 1552 foi publicada no Diário Oficial da União obrigando “o ensino de noções de farmacotécnica homeopática em todas as faculdades de farmácia do país”. Dessa forma, estavam assim “bem delimitados os espaços éticos das profissões envolvidas: a prática clínico-terapêutica homeopática como atribuição dos médicos, e a farmacotécnica homeopática, como atribuição dos farmacêuticos” (PUSTIGLIONE; GOLDENSTEIN; CHENCINSKI, 2017).

Em 1980, o Conselho Federal de Medicina passa a reconhecer a homeopatia como especialidade médica e, em 1990, foi criada a Associação Brasileira de Farmacêuticos Homeopatas. Em 1992, o Conselho Federal de Farmácia também reconhece a homeopatia como especialidade farmacêutica e, no ano de 1993, é criada a Associação Médico-Veterinária Homeopática Brasileira. Após, no ano 2000, a homeopatia foi reconhecida como especialidade médica pelo Conselho Federal de Medicina Veterinária (BRASIL, 2006).

Já no século XXI, em 3 de maio de 2006, a Portaria nº 971 do Ministério da Saúde incluiu a terapia homeopática na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) do Sistema Único de Saúde (SUS) ao considerar “(...) que a Homeopatia é um sistema médico complexo de abordagem integral e dinâmica do processo saúde-doença, com ações no campo da prevenção de agravos, promoção e recuperação da saúde” (BRASIL, 2006).

Ainda, a Portaria nº 971 (BRASIL, 2006) ressalta a evolução dos atendimentos homeopáticos na rede pública de saúde do país:

Com a criação do SUS e a descentralização da gestão, foi ampliada a oferta de atendimento homeopático. Esse avanço pode ser observado no número de consultas em homeopatia que, desde sua inserção como procedimento na tabela do SIA/SUS, vem apresentando crescimento anual em torno de 10%.

Atualmente, o que diz respeito ao preparo dos medicamentos homeopáticos no país é respaldado pela Farmacopeia Homeopática Brasileira, com sua primeira edição tendo sido

publicada em 1977 e estando no momento em sua terceira edição (BRASIL, 2011). Sobre o atual cenário da homeopatia, a Farmacopeia (BRASIL, 2011) afirma que:

A Ciência Homeopática continua em franco desenvolvimento, com trabalhos científicos sendo realizados com diferentes modelos, tais como: animais de laboratório, culturas de células, modelos físico-químicos, dentre outros. Os ensaios clínicos, duplo-cego, randomizados, placebo controlados foram e continuam sendo feitos em várias partes do mundo, na busca da consolidação científica da homeopatia.

### 3 MEDICAMENTO HOMEOPÁTICO

A palavra homeopatia, segundo Kossak-Romanach (2003), tem sua origem do grego *homois* = semelhante e *pathos* = doença ou sofrimento e “designa a ciência terapêutica baseada na lei natural de cura *Similia similibus curentur* ou “sejam os semelhantes curados pelos semelhantes””. É um método que visa curar a totalidade de sintomas de um paciente com uma substância que seja capaz de reproduzir os mesmos sintomas da doença no indivíduo sadio (KOSSAK-ROMANACH, 2003).

Segundo a União Europeia, a definição de produto medicinal homeopático é qualquer produto medicinal preparado a partir de substâncias chamadas homeopáticas de acordo com os procedimentos de preparo descritos pela Farmacopeia Europeia ou pela farmacopeia oficial do local. Um produto homeopático medicinal deve conter um conjunto de princípios (LEES *et al.*, 2017a).

Medicamento homeopático também pode ser entendido como preparos a partir de substâncias naturais de origem vegetal, animal ou mineral através de um processo de elaboração especial, e sua obtenção e manipulação são regulamentadas, atualmente, no Brasil, pela ANVISA através da Farmacopeia Homeopática Brasileira (KOSSAK-ROMANACH, 2003). Os produtos homeopáticos podem ser produzidos em forma líquida, mas também misturados ou pulverizados sobre outras preparações para serem utilizados sob forma de cremes, pomadas, pílulas e pós (LEES *et al.*, 2017a).

Além de tais definições, a medicina homeopática pode ser descrita como a prática médica que engloba uma abordagem holística e natural para o tratamento das doenças. Holística porque trata o paciente como um todo, sem focar apenas na doença em si, e natural pelo fato de utilizar somente medicamentos produzidos a partir de fontes naturais como já citadas acima (CHASE, [2007?]).

#### 3.1 Princípios básicos da homeopatia

A homeopatia possui alguns pilares fundamentais que norteiam seu preparo e uso. São quatro princípios básicos descritos pelo criador da terapêutica homeopática, o médico alemão Cristiano Frederico Samuel Hahnemann: a Lei da Semelhança, da Experimentação no Homem São, do Uso de Doses Mínimas ou Infinitesimais e do Uso do Medicamento Único (BRASIL, 2011).

### 3.1.1 Lei da semelhança

“O princípio fundamental da homeopatia é que algo que induz sinais clínicos e sintomas específicos irá também curar os mesmos sinais e sintomas”, esclarecem Lees *et al.* (2017a). Pela lei da semelhança, o organismo é estimulado de forma parecida aos sintomas e sinais clínicos desenvolvidos pela doença natural por uma substância com a capacidade de produzir uma “doença artificial dinamicamente mais forte” e reage buscando um estado de equilíbrio, a cura (CAMPOS; CAMPOS, 2009).

Nesse contexto, o *similimum* é o medicamento cujos sintomas melhor se apresentam como as manifestações psíquicas e físicas da doença. “Tal medicamento será qualquer uma das substâncias estudadas e constantes na Matéria Médica Homeopática, estando a indicação da droga na dependência das características do indivíduo” (CAMPOS; CAMPOS, 2009).

### 3.1.2 Experimentação no homem são

Somente o homem são é capaz de relatar fielmente os sintomas que apresenta (MENEZES, 2011). Um paciente que esteja acometido por alguma doença não será confiável em relatar os sintomas que sente visto que não poderia diferenciar se tais sintomas são da substância ingerida ou do mal que o acomete (SOUZA, 2002). No seu livro intitulado “Organon da arte de curar”, Hahnemann (2013) informa mais sobre:

Nós, portanto, somente podemos ter por base os fenômenos mórbidos que os medicamentos provocam em corpos sadios, como a única manifestação possível de sua força curativa inerente, a fim de descobrir que força causadora de doença e, simultaneamente que força curativa possui cada medicamento.

### 3.1.3 Doses mínimas ou infinitesimais

Hahnemann recebia algumas reclamações de seus pacientes sobre o gosto extremamente forte dos medicamentos que estavam ingerindo (BENEDETI, 2010). Além disso, com o objetivo de minimizar os efeitos adversos de algumas substâncias letais, o médico acabou por diluí-las. A partir dessa diluição, Hahnemann observou que seus pacientes que recebiam os medicamentos diluídos apresentavam melhora de seus sintomas de forma mais rápida e eficaz (SOUZA, 2002).

Souza (2002) esclarece que “esse procedimento, base da farmacotécnica homeopática, é o que confere o poder curativo do medicamento homeopático”. Porém, a autora também explica que esse é o fato que mais torna o medicamento homeopático duvidoso aos olhos dos médicos alopatas:

As doses infinitesimais da Homeopatia ainda causam muita polêmica; porque quando se admite que não existe mais substância em sua forma ponderal nos medicamentos, ocorre uma reação de mal estar na comunidade científica tradicional. Segundo Kent, notável homeopata inglês, que antes de se convencer da eficácia da Homeopatia era um severo crítico dessa ciência, "É impossível às nossas faculdades cognitivas entender a realidade do além dos sentidos".

Lees *et al.* (2017a) discorrem sobre o preparo das diluições explicando que uma solução inicial do ingrediente ativo chamada de “tintura mãe” é diluída em escala 1:10 (decimal) ou de 1:100 (centesimal) e cada diluição é novamente diluída na escala repetidas vezes. Assim, o grau de diluição da substância recebe o nome de potência, por exemplo, um remédio 10CH de potência foi diluído na escala 1:100 (centesimal) por dez vezes (LEES *et al.*, 2017a).

Todos os medicamentos devem possuir no rótulo a indicação sobre a dinamização e a técnica utilizada para o preparo. “O número indica o número de diluições que foram realizadas, e a letra indica a escala dessa diluição, onde X, D ou DH são para diluições 1/10 e C ou CH são para diluições 1/100, dentre outras escalas existentes” (JESUS; COUTINHO, 2018).

Em outras palavras, Benedeti (2010) explica:

As diluições menores determinam que o medicamento está mais saturado pelo produtor que lhe deu origem, enquanto a substância mais diluída se mostra mais sutilizada e até mesmo livre de quaisquer tipos de partículas de lhes deram origem, isto é, as mais diluídas apresentam apenas a energia do substrato, pois este já não mais existe no medicamento pronto em alta diluição. Se examinarmos o produto final e fizermos uma busca de algum resquício do substrato original, nada será encontrado, por mais sofisticado que seja o aparelho pesquisador, mas os resultados terapêuticos são notáveis.

### 3.1.4 Uso do medicamento único

O uso do remédio único tem sua base na lei dos semelhantes. Se o medicamento, o *simillimum*, revela suas propriedades no homem são e suas relações entre a manifestação dos sintomas e a cura da doença, um único medicamento deve ser administrado na intenção de que se obtenha a resolução da doença, sem interferência de outra substância. Esse é o ponto de vista médico-científico mais importante da lei dos semelhantes e o mais difícil de pôr em prática de acordo com Kossak-Romanach (2003).

Dantas (2017) destaca que, para Hahnemann, preconizar o uso do medicamento único em sua forma pura e em doses moderadas seria lançar a base para a reprodutibilidade dos seus resultados, mesmo que cada indivíduo seja único e com suas características específicas. Além disso, Souza (2002) reforça que “toda a gama de sintomas apresentados pelo doente deve ser analisada, e após montar o "mosaico" de todos esses sintomas, apenas um medicamento deve ser prescrito, pois apenas esse corrigirá o desequilíbrio do paciente”. É necessário que um único medicamento se identifique perfeitamente com todos os sintomas da doença e com as peculiaridades de cada indivíduo (GIORDANO, 2018).

Ainda, quando Hahnemann estabeleceu sua metodologia de experimentação no homem são, preconizou que se estudasse cada medicamento de forma isolada para se obter a patogenesia da substância, ou seja, a gama de sintomas causados no homem são a partir da experimentação de uma substância (GIORDANO, 2018). Por esse motivo, o médico alemão administrava os medicamentos aos pacientes de forma única por ser mais racional sob seu ponto de vista e para que fossem evitadas interações entre as diversas substâncias (SOUZA, 2002).

### 3.1.5 Sucussão

O aguçado sentido de observação de Hahnemann permitiu que ele notasse que seus pacientes que moravam longe de seu consultório se curavam em menor tempo e de forma mais efetiva que seus pacientes que moravam perto. Assim, o médico alemão teorizou que a única possível explicação era a agitação que o medicamento sofria durante o percurso devido aos movimentos do cavalo que era o meio de transporte de Hahnemann (BENEDETI, 2010).

A sucussão, como foi chamada, é um tipo específico de agitação vigorosa ou batidas realizadas em cada estágio do processo de diluição. Hahnemann acreditava que a agitação potencializava a medicação mantendo seu poder terapêutico, além de deixá-la mais diluída.

Atualmente, o preparo dos medicamentos homeopáticos ainda envolve fases de agitação ou batidas (LOUDON, 2006).

### 3.1.6 Tratamento do paciente e não da doença

Um conceito extremamente importante da homeopatia que foi introduzido por seu criador, Samuel Hahnemann, e que faz os medicamentos homeopáticos diferirem dos medicamentos convencionais é o individualismo ou o tratamento do paciente como um todo e não apenas da doença e seus sintomas. Hahnemann afirmava não existirem doenças, mas somente pacientes, e, por isso, o tratamento deveria ser focado na cura do paciente como um todo e de forma individual, analisando todas suas características físicas, mentais e emocionais (VITHOULKAS, [2016?]).

“Por conseguinte, a doença (que não compete ao processo mecânico da cirurgia) não ocorre de forma alguma segundo consideram os alopatas: como algo separado do conjunto vivo do organismo e da “Dynamis” que o anima, internamente oculta”, esclarece Hahnemann (2013). A partir dessa ideia, o médico expôs que cada paciente difere de outro mesmo apresentando a mesma doença e, dessa forma, deve receber um tratamento individual e personalizado (VITHOULKAS, [2016?]).

Em seu livro “Organon da arte de curar”, Hahnemann (2013) discorre mais sobre seu ponto de vista do assunto:

Como auxílio à cura, são úteis ao médico os pormenores acerca da causa mais provável da doença aguda, assim como os momentos mais significativos de toda a história clínica da doença crônica, a fim de descobrir sua causa fundamental, que provém, geralmente, de um miasma crônico, devendo ser levados em consideração a constituição física evidente do doente (principalmente do doente crônico), seu caráter com seu psiquismo e mente, suas ocupações, seus hábitos e modo de vida, suas relações sociais e domésticas, sua idade e função sexual etc.

Por esse enfoque, os médicos homeopatas classificam sua prática como uma medicina holística, que vê o paciente sob todos seus aspectos de doença e de vida. A partir dessa observação completa, conseguem escolher o medicamento apropriado para cada situação (LOUDON, 2006).

Benedeti (2010) comenta que, a partir da observação de Hahnemann das vantagens de tratar o paciente levando em conta suas características mentais, o médico estaria dando um

enfoque mais interessante ao tratamento, “pois haveria uma cura mais prolongada a partir do equilíbrio emocional proporcionado pelo medicamento”. Quando o objetivo era a cura apenas dos sintomas em si, os pacientes voltavam ao estado patológico ou apresentavam novas enfermidades já que o organismo não havia retornado do estado de desequilíbrio orgânico (BENEDETI, 2010).

### 3.1.7 Força vital

Um último, porém não menos importante conceito introduzido por Hahnemann é o da força vital que existe em cada um de nós. O médico alemão, em seu livro “Organon da arte de curar” (2013), esclareceu o conceito de força vital, uma essência não material que habita em nós e nos dá a vida:

No estado de saúde do indivíduo reina, de modo absoluto, a força vital de tipo não material (Autocratie) que anima o corpo material (organismo) como “Dynamis”, mantendo todas as suas partes em processo vital admiravelmente harmônico nas suas sensações e funções, de maneira que nosso espírito racional que nele habita, possa servir-se livremente deste instrumento vivo e sadio para o mais elevado objetivo de nossa existência.

Além do conceito, Hahnemann (2013) informa sobre o processo que leva ao aparecimento das doenças através do desequilíbrio da força vital:

Quando o Homem adoece é somente porque, originalmente, esta força de tipo não material presente em todo o organismo, esta força vital de atividade própria (principio vital) foi afetada através da influência dinâmica de um agente morbífero, hostil à vida; somente o princípio vital afetado em tal anormalidade pode conferir ao organismo as sensações adversas, levando-o, assim, a funções irregulares a que damos o nome de doença, pois este ser dinâmico, invisível por si mesmo e somente reconhecível nos seus efeitos no organismo, fornece sua distonia mórbida somente através da manifestação da doença nas sensações e funções (o único lado do organismo voltado aos sentidos dos observadores e artistas da cura), isto é, através do reconhecimento dos sintomas da doença, não havendo outra forma de torná-lo conhecido.

Kent (2014) também explica o desequilíbrio da força vital no organismo durante a enfermidade ao afirmar que “este princípio vital imaterial, esta substância simples permeia todo o organismo e, na doença, esta desordem (também) permeia todo o organismo, permeia cada célula e cada porção da economia humana”, reforçando a ideia de que o paciente deve ser tratado como um todo e não com o foco apenas na patologia em si.

Ao entender o conceito e o mecanismo pelo qual a força vital se desequilibra e promove o adoecimento do corpo físico é possível entender a base do médico alemão ao introduzir o conceito do individualismo. Para ele, só esse conjunto do ser, de forma integrada, poderia ser tratado para se obter a real cura do indivíduo. Hahnemann (2013) esclarece:

Visto que não se pode perceber nada além de sinais mórbidos numa doença em que não há, para ser afastada, uma causa manifesta que a provoque ou sustente (*causa occasionalis*), então, deve ser também unicamente através dos sintomas, considerando algum eventual miasma e as circunstâncias acessórias (§5), que a doença pode requerer e indicar o medicamento apropriado para a sua cura - desse modo, a totalidade destes seus sintomas, este quadro do ser interior da doença que se reflete no exterior, isto é, do padecimento da força vital, deve ser o principal ou o único através do qual a doença dá a conhecer o meio de cura de que ela necessita, o único que pode determinar a escolha do meio de auxílio adequado - em suma, a totalidade dos sintomas deve ser, para o artista da cura, a coisa principal, senão a única que ele, em cada caso de doença, precisa conhecer e afastar através de sua arte, a fim de que a doença seja curada e transformada em saúde.

Assim, Souza (2002) relata que na cura deve haver sempre “a remoção da completa essência dos sinais e fenômenos perceptíveis da doença”, sendo dessa forma eliminada concomitantemente a alteração primordial que deu origem à alteração da força vital. “Essa assertiva é explicada pelo Vitalismo, corrente que prega que o que rege e plasma a nossa matéria, ou seja o nosso organismo, é a Energia Vital, e quando essa está desequilibrada, o corpo material também se desequilibra”, esclarece Souza (2002).

### **3.2 Diferenças e semelhanças com a terapia convencional**

Quando Hahnemann descobriu os medicamentos homeopáticos, suas pesquisas iniciaram com o objetivo de livrar os pacientes dos sintomas das doenças que os acometiam, entretanto, percebeu que além da cura física, era possível também tratar os sintomas emocionais das pessoas, fato que promovia uma cura mais eficaz e prolongada. Assim, a

homeopatia consegue tratar enfermidades do corpo e de origem emocional sem apresentar os riscos de efeitos colaterais comuns dos medicamentos alopáticos (BENDETI, 2010).

De acordo com a Portaria nº 971 do Ministério da Saúde (BRASIL, 2006), a terapia homeopática representa a construção de um modelo diferente de prática médica, apresentando algumas vantagens frente à medicina conservadora:

- recoloca o sujeito no centro do paradigma da atenção, compreendendo-o nas dimensões física, psicológica, social e cultural. Na homeopatia o adoecimento é a expressão da ruptura da harmonia dessas diferentes dimensões. Dessa forma, essa concepção contribui para o fortalecimento da integralidade da atenção à saúde;
- fortalece a relação médico-paciente como um dos elementos fundamentais da terapêutica, promovendo a humanização na atenção, estimulando o autocuidado e a autonomia do indivíduo;
- atua em diversas situações clínicas do adoecimento como, por exemplo, nas doenças crônicas não-transmissíveis, nas doenças respiratórias e alérgicas, nos transtornos psicossomáticos, reduzindo a demanda por intervenções hospitalares e emergenciais, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida dos usuários; e
- contribui para o uso racional de medicamentos, podendo reduzir a farmacodependência.

Através dessa visão, a utilização dos medicamentos homeopáticos segue os princípios descritos por Hahnemann já citados anteriormente no presente trabalho. Assim, baseado no princípio da individualização, ao atender um paciente, a homeopatia leva em conta as diferentes maneiras de manifestação dos sintomas e da gravidade da doença em cada indivíduo. Dessa forma, a homeopatia utiliza o termo “terreno” para denominar “os componentes que descrevem as diferentes características morfológicas, fisiológicas e patológicas de cada indivíduo” (GIORGANO, 2018).

Ainda segundo Giordano (2018), cada paciente tem uma tendência a manifestar doenças distintas que apresentem sintomas comuns entre elas. Além disso, patologias que não são semelhantes entre si costumam manifestar o mesmo conjunto de sintomas (respostas fisiológicas) em cada paciente devido às características individuais de cada um, “o que indica a forma individual de cada organismo respondera os agentes agressores”. Por esse motivo, a autora reforça que é fundamental que o médico conheça seu paciente, buscando desvendar seus sintomas gerais, físicos, comportamentais e emocionais que se manifestem de forma exclusiva ou concomitante, principalmente sintomas que sejam atípicos e peculiares.

### 3.2.1 A escolha do tratamento

Como já explicado anteriormente, a escolha do tratamento, do medicamento em si, o *simillimum*, é feita através da identificação dos sintomas apresentados pelo paciente para que se decida pelo remédio que provoque os mesmos sintomas da doença na experimentação no homem são. Durante suas experimentações, Hahnemann registrou todos os sintomas apresentados a partir do uso de cada substância testada em si e em seus colaboradores no livro *Matéria Médica Pura*, distribuída em dois volumes e com traduções em inglês e português. Nesse livro, os medicamentos aparecem em ordem alfabética e, em cada um, estão relacionados os sintomas por eles provocados no homem são (SPINOSA, 2017).

Contudo, devido à grande quantidade de substâncias experimentadas, seria impossível aos médicos homeopatas decorarem quais medicamentos causam quais sintomas. Para facilitar a pesquisa por parte dos médicos, a partir de 1833 foram organizados os dicionários da *Matéria Médica*, chamados de *Repertório Homeopático*, onde estão organizados também por ordem alfabética ou divididos pelas partes do corpo os sintomas e os possíveis medicamentos capazes de provocá-los (SPINOSA, 2017; GIORDANO, 2018).

Para Kent (2014), o primeiro passo para se considerar no caso de um paciente é “quais são as indicações curativas neste caso? Que sinais e sintomas chamam a atenção do médico como sinais e sintomas curativos? Isto significa que nem toda manifestação é uma indicação curativa”. Um dos fatos que diferencia a medicina homeopática da convencional é que durante uma consulta homeopática, o médico tem em mente a necessidade de tratar o enfermo e não a enfermidade. Kent (2014) informa que as “alterações de tecido não indicam o remédio e, portanto, como médicos, devemos aprender a examinar os sintomas que são anteriores à anatomia mórbida, voltar ao verdadeiro início”. Assim, na consulta é feita a tomada do caso, ou seja, o entendimento total do quadro do paciente individualizado, a descoberta do *simillimum* e a prescrição da conduta médica (SPINOSA, 2017).

O conhecimento do quadro geral do paciente é feito durante a anamnese, semelhante à realizada durante uma consulta convencional. Na anamnese, é feito o questionamento sobre a queixa principal onde o médico deve ouvir e observar deixando que o paciente relate todos os sintomas sem interrompê-lo. Dessa forma, segundo Giordano (2018), será conhecido o “quadro sintomatológico completo e detalhado da doença presente naquele momento, das doenças passadas, o seu comportamento e reações próprias”, além dos antecedentes mórbidos familiares, hábitos e condições de vida e um interrogatório geral. Também deve ser feito o

exame físico do paciente, onde são avaliados os sinais vitais através da palpação, percussão, auscultação, entre outros procedimentos (SPINOSA, 2017; GIORDANO, 2018).

A partir da observação de todos os sintomas gerais do paciente, o médico precisa repertorizar os mesmos, ou seja, fazer a seleção dos mais relevantes na condição patológica do enfermo, agregando os sintomas mórbidos como expôs Hahnemann (2013), e buscar no Repertório Homeopático cada sintoma para escolher o medicamento que melhor abranja o quadro geral daquele paciente. Para isso, explica Giordano (2018), “é necessário haver uma diferenciação do quadro e das causas, distinguindo se o quadro agudo é uma doença aguda ou uma exacerbação da doença crônica, chamada de agudização crônica”, sendo essa uma observação muito importante para o sucesso do tratamento a ser proposto.

Kent (2014) reforça esse fundamento da clínica homeopática:

Assim sendo, quando o médico vê, como se fosse num quadro, a natureza da doença, quando está familiarizado com cada doença a que estamos sujeitos e, quando vê a natureza dos remédios comumente usados, exatamente, tão claramente como percebe a doença, então, ao escutar os sintomas de um homem enfermo, sabe instantaneamente os remédios que produziram no homem sadio, sintomas similares àqueles.

Spinosa (2017) explica que a escolha do medicamento é feita através de uma decisão baseada na síndrome mínima de valor máximo, uma tentativa de “configurar o menor número de sintomas que expressa a atual modificação dinâmica global do indivíduo”, ou seja, os sintomas que são mais relevantes e demonstram a forma do paciente adoecer. Após, é feita a repertorização que levará a alguns medicamentos que são correspondentes aos sintomas descritos pelo paciente e, por último, esses medicamentos são comparados e selecionados através da Matéria Médica, buscando a substância que mais se adapta ao quadro do paciente.

Sobre a hierarquização dos sintomas, Giordano (2018) explica:

Na totalidade de sintomas e sinais observáveis, os mais valorizados são os mais evidentes, singulares, incomuns e próprios de cada caso. Dentro da totalidade dos sintomas característicos e peculiares, os de maior valor são aqueles decorrentes do estado emocional e psíquico, devido a acreditar que em todas as doenças físicas, a disposição mental está sempre se modificando e, em todos os casos de doença passíveis de cura, o estado mental é o indicador para conseguir tratar a doença.

Posteriormente a escolha do medicamento que mais se assemelha ao quadro sintomático do paciente, o médico deve escolher a forma de aviação e administração do medicamento, sua potência, frequência e tempo de uso (SPINOSA, 2017; GIORDANO, 2018). É de acordo com a Farmacopeia Homeopática que são feitos os preparos dos medicamentos homeopáticos, elaborados a partir das orientações e princípios deixados por Hahnemann. Atualmente, a Farmacopeia encontra-se na terceira edição, tendo sido atualizada em 2011 (BRASIL, 2011).

As homeopatias podem ser elaboradas a partir de substâncias de origem vegetal, animal ou mineral e, de acordo com Brasil (2011), existem cerca de 3.500 medicamentos homeopáticos, sendo na maioria preparados a partir de matéria-prima vegetal. São aviados como tinturas, líquidos, pós, glóbulos, tabletes, cremes e pomadas, comprimidos ou pílulas, todos de sacarose ou lactose; “os veículos e excipientes utilizados são chamados de insumos inertes, necessários para realização das diluições e triturações, água purificada, álcool etílico, glicerina, lactose e sacarose são alguns exemplos” (BRASIL, 2011). Além disso, devem ser embalados em recipientes próprios e mantidos sempre ao abrigo da luz solar, calor, odores fortes e afastados de aparelhos eletrônicos que emitam ondas eletromagnéticas, como celulares e micro-ondas, pois elas podem inativar ou alterar a vibração energética do medicamento (PIRES, 2005; SPINOSA, 2017; GIORDANO, 2018).

Apesar de se referir ao uso em animais, Pires (2005) esclarece que a forma usar a homeopatia no paciente se baseia em três linhas de atuação diferentes dentro da prática homeopática:

1. usa-se um *pool* ou medicamentos homeopáticos isolados que possuem a função de proteger o órgão que se quer tratar, ativando sua ação de forma fisiológica; são os ditos medicamentos homeopáticos com tropismo pelo órgão ou tecido.
2. usam-se medicamentos homeopáticos que possuem uma ação sistêmica no animal, ativando suas defesas de forma que este animal produzirá anticorpos específicos contra os principais agentes etiológicos. Desta forma impede-se a instalação da infecção por agentes etiológicos diversos; são os ditos medicamentos de fundo ou da personalidade do animal. Esta seleção do medicamento se faz por meio de estudos das principais características da personalidade do animal, ou seja, sua forma de agir, sofrer e comportar-se durante as ordenhas, desmame, coberturas etc.
3. usam-se medicamentos com a finalidade de produzir um combate específico, pois passa a informação ao animal doente dos principais agentes etiológicos da

doença; são os denominados nosódios, ou seja, medicamentos realizados a partir do próprio agente etiológico, resultando, desta forma, em imunidade específica.

Após a escolha da forma de aviação e administração do medicamento, o médico irá acompanhar o paciente e decidir pela repetição de dose ou não. Essa escolha é baseada na intensidade da doença e varia de acordo com a resposta frente à enfermidade que será demonstrada pelo paciente. A potência deve ser ajustada de acordo com a classificação da doença em aguda, crônica ou agudização da doença crônica, como explica Giordano (2018). A autora ainda reforça que, ao apresentar os sinais de cura, o tratamento deve ter suas administrações reduzidas até que haja a parada total do uso do medicamento.

Kent (2014) conclui sobre o papel do médico na busca pela cura do paciente:

É dever do médico, primeiramente, achar qual é a desordem do homem e, então, restaurar-lhe a saúde; este retorno à saúde, que é uma perfeita cura, deve ser executado por meios que sejam suaves, ordenados, que fluam suavemente como a força vital em si mesma, devolvendo o interior do homem à ordem, pelo remédio homeopático e com princípios fixos como seu guia.

### 3.2.2 Efeitos e mecanismo de ação dos medicamentos homeopáticos

Em contraste com a medicina convencional, a homeopatia foi inventada por apenas um homem que viveu em uma época precária em relação aos conhecimentos científicos que existem hoje sobre biologia, química e patologia. Apesar disso, a terapia homeopática permanece inalterada com seus conceitos básicos, filosofia e regras de preparo mesmo com o surgimento de novas substâncias (LEES *et al.*, 2017a).

Diversas teorias foram já propostas sobre qual o verdadeiro mecanismo de ação dos medicamentos homeopáticos. Porém, como será melhor esclarecido no subcapítulo posterior, todos os estudos científicos falham em demonstrar a presença de uma única molécula de substância ativa nos preparos homeopáticos e os estudos controlados não levam em conta a questão da individualização de cada paciente, princípio básico da terapia proposta por Hahnemann. Dessa forma, todas as hipóteses tornam-se apenas especulativas e tendo como foco de pesquisa demonstrar os efeitos dos tratamentos nos pacientes (PIRES, 2005).

Giordano (2018) reforça sobre essa dificuldade:

Os estudos científicos que utilizam casos clínicos homeopáticos que não levam em consideração a individualização do tratamento, utilizando o mesmo medicamento para vários indivíduos que apresentam a mesma doença, não obtêm resultados positivos, pois não seguem o modelo homeopático.

Jesus; Coutinho (2018) esclarecem que o processo de cura através do medicamento homeopático é diferente do convencional e está vinculado à imunologia, podendo causar imunização indireta e inespecífica. Além disso, sobre o efeito dos medicamentos homeopáticos no corpo, Pires (2005) explica que o mecanismo de ação ou resultado da homeopatia é buscar o equilíbrio do “organismo pelo estímulo de suas defesas naturais, ajudando-o a se defender melhor. Assim, o objetivo do tratamento é estimular todo o organismo (física, emocional e mentalmente) à cura, ao invés de ataques específicos aos micro-organismos”.

Giordano (2018) descreve que existem dois efeitos dos medicamentos homeopáticos. O efeito primário seria o que causa as alterações no organismo do paciente e o efeito secundário seria a resposta que o organismo dá em relação ao medicamento buscando “neutralizar os distúrbios primários causados pelos fármacos na tentativa de reequilibrar o meio interno para o estado anterior à utilização do medicamento”.

Hahnemann (2013), em sua obra “Organon da arte de curar”, explica a teoria dos efeitos:

Toda força que atua sobre a vida, todo medicamento afeta, em maior ou menor escala, a força vital, causando certa alteração no estado de saúde do Homem por um período de tempo maior ou menor. A isto se chama ação primária. Embora produto da força vital e do poder medicamentoso, faz parte, principalmente, deste último. A esta ação, nossa força vital se esforça para opor sua própria energia. Tal ação oposta faz parte de nossa força de conservação, constituindo uma atividade automática da mesma, chamada ação secundária ou reação.

### **3.3 Questionamentos sobre os medicamentos homeopáticos**

Mesmo depois de séculos de sua descoberta e de evidências práticas de cura de diversas doenças, a medicina homeopática ainda é muito questionada e atacada por diversos autores. Lees *et al.* (2017b), por exemplo, autores em conjunto da revisão intitulada “Comparação entre medicamentos veterinários e homeopatia veterinária (título original em inglês, “Comparison of veterinary drugs and veterinary homeopathy”), afirmam em sua

conclusão do estudo que o uso de produtos homeopáticos é contrário às melhores evidências, chamando seu uso de irracional e inconsistente com o conhecimento científico e médico atual.

Além disso, Lees *et al.* (2017b) questionam a homeopatia sugerindo que seu mecanismo de ação permanece desconhecido ainda hoje, se tornando implausível para muitas pessoas entenderem e “incompatível com o conhecimento científico acumulado ao longo das duas últimas décadas” (tradução nossa). O princípio da força vital inerente do corpo dos humanos, animais e plantas que foi exposto por Hahnemann é desacreditado por ter sua origem no vitalismo, hipótese científica que Lees *et al.* (2017b) chamam de superstição.

Afirmam que o vitalismo foi diminuído por avanços farmacológicos, bioquímicos e biológicas celulares e moleculares dos últimos anos e que, com a descoberta do DNA e como ele rege e controla nosso organismo, o conceito da força vital se torna inconsistente e sendo apenas acreditado por intuição e crença em fenômenos sobrenaturais e não por racionalidade (LEES *et al.*, 2017b). Ainda, Lees *et al.* (2017b) descrevem a crença na homeopatia como um abismo de mentalidade entre um mecanismo de ação comprovado e plausível e crenças místicas e supersticiosas de algo antigo.

Lees *et al.* (2017b) afirmam que as tentativas de demonstrar efeitos clinicamente relevantes dos medicamentos homeopáticos *in vitro* não demonstraram nenhum sucesso claro, e os ensaios clínicos de maior qualidade não foram capazes de mostrar evidências convincentes da eficácia da homeopatia. Além disso, segundo estes autores, do ponto de vista científico, tal fato não é surpreendente visto que a maioria dos produtos homeopáticos não apresenta nenhuma substância ativa, o que implicaria na ausência de efeitos via mecanismos fisiológicos ou bioquímicos que poderiam ser cientificamente comprovados.

Sabe-se que os estudos científicos como o método duplo-cego randomizado são difíceis de serem desenvolvidos nas pesquisas homeopáticas devido a vários aspectos ligados aos seus princípios básicos, como a individualização de cada paciente “independente do diagnóstico clínico em questão”, como explica Furuta; Weckx; Figueiredo (2017). Os autores esclarecem também que “o argumento de que a eficácia do tratamento homeopático seria decorrente da sugestão (efeito placebo) encontra um contra argumento por parte dos homeopatas que tratam animais e crianças pequenas, que não seriam sugestionáveis” (FURUTA; WECKX; FIGUEIREDO, 2017).

Giordano (2018) explica que essa impossibilidade dos estudos da terapêutica comum em individualizar os pacientes acarreta a realização de ensaios que não levam em consideração a totalidade dos sintomas de cada indivíduo fato que, conseqüentemente, não permite a visualização da “melhora significativa quando comparado com o placebo”. Assim,

ao longo do tempo a medicina não ortodoxa sempre foi uma fonte de disputas, reclamações, contra-alegações e acusações de fraude como ressalta Loudon (2006). Porém, para os homeopatas, os questionamentos são a incompreensão dos princípios, como explica Kent (2014):

A doutrina da força vital não é admitida pelos professores de fisiologia e, por esta razão, o homeopata vê que a verdadeira fisiologia ainda não é ensinada, pois sem a força vital, sem a substância simples sem o interno tanto quanto o externo, não pode haver causa e nenhuma relação entre causa e efeito.

#### 4 HOMEOPATIA NA MEDICINA VETERINÁRIA

Por ter suas bases em leis naturais e imutáveis, a homeopatia é aplicável tanto em humanos como em animais e, por esse motivo, vem ganhando adeptos de diversas profissões da área da saúde, inclusive os médicos veterinários. O número de interessados dentro da profissão vem crescendo seja por interesse próprio do veterinário ou por uma demanda por parte dos tutores e clientes e, também, movimentos ecológicos (ARENALES, 2002).

Samuel Hahnemann foi o primeiro médico a utilizar os medicamentos homeopáticos em animais ao curar seu cavalo de oftalmia periódica utilizando a substância *Natrum muriaticum* (BENEDETI, 2010; KOSSAK-ROMANACH, 2003). Além do médico alemão, Guilherme Lux (1773-1849), um veterinário que trabalhava na cidade de Leipzig na Alemanha, fez uso da homeopatia em cavalos acometidos por mormo obtendo sucesso no tratamento através dos conhecimentos que obteve com Hahnemann (SOUZA, 2002).

Em suas obras, Hahnemann afirmou que os animais podem e devem ser tratados com a homeopatia dentro dos mesmos princípios com que se tratam os humanos. Giordano (2018) apresenta a fala de Hahnemann em 1815, na conferência de Leipzig:

Os animais não expressam os sintomas de suas doenças tão claramente quanto os homens. Eles não podem falar, mas as alterações no seu exterior, em seu comportamento e em suas funções vitais servem como uma linguagem perfeita. Uma vez que o animal não conhece o fingimento, e não exagera na manifestação da sua dor, não esconde seus sentimentos ou mente sobre os sintomas, como o homem costuma fazer quando há deturpação do seu comportamento. Fica evidente que o animal deixa explícito através dos sintomas um quadro real da sua doença e do seu estado interno. Os animais, ainda por cima, estão sob nosso controle, eles devem seguir a dieta estabelecida no tratamento, eles não nos enganam e não se permitem elementos nocivos dos quais o médico nada sabe, como fazem as pessoas. Os animais em resumo, podem ser curados de uma maneira tão segura e perfeita pela homeopatia como os seres humanos.

Apesar de ter surgido há muitos anos na medicina veterinária, a prática legalizada e reconhecida da homeopatia só foi obtida no século vinte. Souza (2002) comenta que após muitos anos de aplicação dos medicamentos de forma quase clandestina exercida por alguns profissionais, na maioria médicos humanos, apenas na década de 1970 a homeopatia foi considerada especialidade médica e, após, criados os cursos de homeopatia para médicos veterinários. E foi só no ano 2000 que o Conselho Federal de Medicina Veterinária

reconheceu a homeopatia como especialidade veterinária aos homeopatas que são aprovados na prova aplicada pela Associação Médico-Veterinária Homeopática Brasileira (AMVHB), criada no ano 1993 (SOUZA, 2002; BRASIL, 2006).

Embora ainda não seja a opinião de muitos profissionais, a homeopatia usada como tratamento ou prevenção na veterinária “é uma realidade que tem apresentado excelentes resultados práticos, desmistificando alguns conceitos e apresentando vantagens sobre a medicina oficial” (ARENALES, 2002). Hahnemann (2013) ainda explica que algumas doenças exclusivas aos animais, por sua semelhança, poderão fornecer no futuro “forças curativas e medicamentosas para importantes doenças humanas muito semelhantes”. Dessa forma, a homeopatia se torna uma ferramenta versátil, “podendo ser utilizada para promover a cura, prevenir doenças, melhorar a qualidade de vida e até mesmo contribuir para uma produção de alimentos mais sustentável e de melhor qualidade para a saúde humana” (IGLESIAS, 2018).

Souza (2002) relata que, de acordo com a experiência de vários médicos veterinários homeopatas, sabe-se que a homeopatia pode ser utilizada em diversas espécies animais, sendo os equinos especialmente responsivos aos tratamentos. Além disso, pode-se destacar também, a atuação dos médicos veterinários homeopatas no mercado de produtos de origem animal orgânicos, trabalhando e contribuindo para a oferta de produtos sustentáveis, livres de resíduos químicos tóxicos e possivelmente nocivos à saúde humana e animal (IGLESIAS, 2018).

Arenales (2002) ressalta também a melhora no aspecto psicológico e emocional dos animais:

Nessa terapêutica podemos transcender o conhecimento alopático tratando o quadro mental dos animais, ou seja, os distúrbios do comportamento (psiquiatria veterinária) que acabam fazendo com que eles deixem de cumprir suas funções, como guarda, companhia, pastoreiro, monta, produção de leite, ovos, carne, lã, etc. Esses distúrbios do comportamento podem fazer com que o animal venha a exacerbar sua agressividade, por temores não justificados, como ansiedade, timidez e outros.

No mesmo contexto, a medicina veterinária vem avançando muito suas pesquisas na área do bem-estar animal, tanto animais de companhia como animais de produção. Nesse cenário, o uso de terapias alternativas ou não convencionais, como a homeopatia, tem

ganhado espaço sendo um “recurso adicional para a manutenção, recuperação e melhoria da saúde e qualidade de vida dos animais” (GIORDANO, 2018).

Assim, a homeopatia se torna uma opção terapêutica viável e disponível aos médicos veterinários. Esses medicamentos não apresentam contraindicação, melhoram a qualidade de vida dos animais ao removerem os sintomas das enfermidades, favorecem o equilíbrio e reestabelecimento da energia vital além de serem de fácil administração e de menor custo quando comparados aos medicamentos alopáticos ou convencionais. Tais características são destacadas no contexto terapêutico através de evidências clínicas de sucesso em tratamentos eficazes e seguros para a cura das doenças (GERMEL *et al.*, 2016)

#### **4.1 Homeopatia na clínica de pequenos animais**

A prática da homeopatia tem se mostrado ao longo dos anos extremamente eficaz no tratamento dos animais de companhia como cães e gatos, mas também nos equinos, pôneis, diversas espécies de aves e animais aquáticos como peixes de aquário. Além destes, a homeopatia tem sido utilizada em coelhos, roedores como hamsters e cobaias e répteis como tartarugas, lagartos e serpentes, que também se tornaram *pets* com a evolução da afeição entre humanos e animais (PIRES, 2005).

Os cães e gatos são os animais de companhia mais próximos dos humanos tendo se adaptado aos nossos hábitos, lares e rotinas ao longo de muitas décadas. Por esse motivo, a maioria dos atendimentos homeopáticos da clínica de pequenos animais é voltada aos caninos e felinos levados por seus tutores às consultas. Giordano (2018) relata que a maior casuística nos atendimentos homeopáticos aos cães é por problemas dermatológicos, neurológicos e distúrbios comportamentais como ansiedade e medo excessivos. Já nos gatos, a maior procura dos tutores é por solucionar enfermidades urinárias e respiratórias.

Outro aspecto comum nos atendimentos da clínica homeopática é o fato de que o tutor procura um médico veterinário homeopata quando foram esgotadas todas as outras possibilidades dentro dos tratamentos convencionais propostos. Souza (2002) complementa que são, “geralmente, casos crônicos como dermatites, otites resistentes a antibióticos e convulsões. Recentemente, os casos de distúrbios comportamentais são preferencialmente encaminhados para tratamento homeopático, obtendo-se êxito na maioria das vezes”.

Pires (2005) reforça que os mesmos princípios e leis da homeopatia, ditados por Hahnemann para o tratamento de doenças humanas, são aplicáveis na prática veterinária, com exceção de algumas especificidades. De qualquer forma, a prescrição da medicação ao animal

doente é feita de acordo com a manifestação de seus sinais clínicos, comportamento e características individuais. Ainda segundo a autora, “trata-se, portanto, de identificar os elementos básicos de sua “personalidade” dentro de uma mesma espécie ou de uma raça, com os quais ele elabora sua própria reação de defesa a uma dada doença”.

A personalidade ou o “aspecto mental dos animais” de acordo com Kossak-Romanach (2003) se revela ao médico veterinário através de seu comportamento, fator fundamental para determinar o perfil do paciente e sua relação conjunta com os aspectos ligados à enfermidade. Segundo a autora, “através do comportamento demonstrado pelo animal, ou deduzido através do que é dito pelo proprietário, que se percebem as manifestações subjetivas. Desta forma, utiliza-se o registro de sinais e marcas externas que permitam reconhecer a individualidade”.

Por isso, na busca pelo tratamento do paciente, é necessário que o tutor conheça bem o animal para que possa ser o intermediário entre o enfermo e o veterinário. Pires (2005) ressalta que somente o tutor tem a capacidade de “escrever em detalhes o animal, suas atitudes usuais e não usuais, reconstruir sua história e, assim, trazer informações indispensáveis à escolha do medicamento adequado”.

Da mesma forma como já comentado anteriormente no subcapítulo 3.2.1 sobre a escolha do tratamento homeopático, a consulta com o médico veterinário homeopata inicia com a anamnese, priorizando o comportamento do paciente e buscando os sinais clínicos mais estranhos e peculiares do animal como ciúme, medos, ansiedade, depressão, entre outros. Além disso, se colhem informações sobre a queixa principal como período de início dos sinais, enfermidades prévias e outras informações relevantes na tomada do caso (SOUZA, 2002). A análise do paciente pelo médico veterinário deve iniciar ao primeiro contato visual com o animal, “mesmo antes de iniciar a consulta, observando como o animal se comporta em lugares estranhos, diante de pessoas estranhas, esses comportamentos podem apresentar sinais/sintomas importantes para a primeira prescrição homeopática” (GIORDANO, 2018).

Souza (2002) também comenta que é bem comum durante a anamnese obter a informação que a família tutora do animal está passando ou passou por um período de estresse e “por isso supõe-se que o animal pressinta esse desajuste e sofra também junto com as pessoas que lhe são queridas, adoecendo em decorrência disso”. Posteriormente, o foco do médico veterinário homeopata é na observação dos comportamentos básicos como apetite, sede, funções excretoras como fezes e urina além dos sinais clínicos provenientes da patologia e em que situações os mesmos se agravam ou se tornam mais suaves. Dessa forma, é possível obter dados que, somados ao diagnóstico clínico da doença em si e aos exames

complementares, dão ao veterinário as bases para a prescrição do medicamento homeopático “que cobre toda essa gama de sintomas e traduz-se como aquele que equilibrará a Força Vital desse indivíduo” (SOUZA, 2002).

Giordano (2018) aponta outros aspectos importantes de serem observados e questionados durante a consulta homeopática:

[...] é necessário conhecer o histórico familiar, seus hábitos e condições de vida, sua história patológica anterior e perguntas que buscam conhecer sua relação com clima, horários, sono, sede, desejos e aversões alimentares, sexualidade, suor, as interações desse animal com outros animais e com as pessoas com quem ele convive, além de levar em conta como esse animal se comporta frente a pessoas estranhas e situações de estresse.

Pode ocorrer, eventualmente, uma situação em que o médico veterinário homeopata prescreve mais de um medicamento homeopático, entretanto, segundo Souza (2002), essa não é a conduta padrão na consulta por ir de encontro ao princípio do medicamento único proposto por Hahnemann. Ainda, o animal poderá retornar para reconsultas onde será feita a avaliação dos sinais clínicos e as mudanças no comportamento do paciente. A partir dessa análise e de suas observações, o veterinário possui o “prognóstico clínico dinâmico do caso” e pode optar pela repetição do medicamento recomendado ou por nova medicação ao paciente (SOUZA, 2002).

#### 4.1.1 Homeopatia no tratamento de doenças dermatológicas

Como dito anteriormente, uma das principais casuísticas dos atendimentos homeopáticos de pequenos animais, cães e gatos, inclui as consultas dermatológicas (GIORDANO, 2018). Kossak-Romanach (2003) ressalta que, em dermatopatias, a homeopatia pode oferecer um suporte terapêutico de qualidade com grande sucesso no tratamento de lambeduras, hipersensibilidades, doenças atópicas, eczemas agudos ou crônicos e reações à utilização de fármacos ou toxinas.

Campos; Campos (2009) relatam em seu estudo o tratamento de um canino fêmea, SRD, de sete meses, apresentando quadro de dermatopatia onde a queixa do tutor era “coceira e pele vermelha”, além do quadro comportamental de choro e vocalização na ausência da família. No exame clínico foram identificadas as presenças de crostas, hiperemia e prurido. Foi optado pelo tratamento inicial com *Histaminum* 6CH a cada sete dias durante duas

semanas. No retorno, a paciente apresentou melhora no quadro, porém, foi relatado pelo tutor o aparecimento de um leve rubor na pele no animal. A partir dessa informação, Campos; Campos (2009) optaram pela utilização de *Chamomila* 30CH administrada em sete glóbulos uma vez por semana alternada com *Histaminum* 6CH em quatro glóbulos a cada três dias, ambos por trinta dias de tratamento. No retorno após a mudança da medicação, a paciente “apresentava um quadro dermatológico totalmente equilibrado” e satisfatório somado ao padrão comportamental que havia melhorado parcialmente. No último retorno, o animal estava menos ansioso e de acordo com o relato dos tutores não chorava mais intensamente por colo ou na ausência dos mesmos.

Iglesias *et al.* (2017) reforçam que o tratamento convencional alopático para doenças de pele pode ser por muitas vezes demorado e muito oneroso em termos financeiros para o tutor, além de deletério para a saúde animal, fatos que desencorajam muitos tutores e os induzem à procura por outras opções, como a homeopatia. Em seu trabalho, os autores fizeram um levantamento a partir das fichas clínicas e dados do Instituto Homeopático e de Práticas Integrativas no período de janeiro de 2004 a julho de 2011 caracterizando os pacientes e identificando os tratamentos propostos e as taxas de sucesso obtidas.

Foram identificados 172 animais atendidos pelo Instituto e, dentre esses, 70 pacientes com queixa dermatológica, representando 40% do total de consultas. Desses 70 casos, 64 eram cães e os outros seis animais eram gatos. Em ambas as espécies, a prevalência de dermatopatias era maior em animais jovens, entre zero e sete anos de idade. “Nos animais analisados neste levantamento, dos 32 diferentes medicamentos homeopáticos empregados para tratá-los, os mais utilizados foram: *Sulphur*, *Tuya*, *Pulsatilla nigricans*, *Ignatia amara*, *Arsenicum album* e *Psorinum*”. Ao analisar a eficácia dos tratamentos propostos, foi observado que dos 70 animais, 40 necessitaram de apenas um retorno ao consultório para obtenção do sucesso na terapia, “23 pacientes retornaram duas vezes, 15 foram em três retornos, e apenas 10 animais precisaram retornar mais quatro vezes”. De forma percentual, 57% dos pacientes retornaram apenas uma vez à consulta para que a enfermidade fosse solucionada. A partir desse levantamento, percebe-se a eficácia da homeopatia nos tratamentos dermatológicos já que a maioria dos pacientes precisou de apenas uma consulta para o sucesso total do tratamento proposto (IGLESIAS *et al.*, 2017).

Lopes *et al.* (2017) relatam o tratamento de um cão da raça pastor alemão de um ano de idade com crises recorrentes de hipersensibilidade tipo I, crise alérgica mediada por anticorpos IgE em resposta à estímulos externos como contato dérmico, produtos de limpeza, poeira doméstica, inalantes, vacinas e alimentos industrializados. O animal foi atendido em

fevereiro de 2016 com sinais clínicos de reações cutâneas com pápulas, pelos eriçados, espirros, prurido, inchaço nos olhos, boca e na face, taquicardia, febre, dificuldade respiratória e hipovolemia. Depois da realização da anamnese, a opção de tratamento foi a identificação e remoção dos gatilhos para a hipersensibilidade mais importantes, inclusão de dieta natural e medicação com a substância *Apis mell* 30CH administrada quatro vezes ao dia por 30 dias e mais a aplicação de *Apis mell* D35 via subcutânea em caso de crise. Após o início do tratamento, em março de 2016, o paciente apresentou uma crise na qual a tutora administrou a *Apis mell* subcutânea e optou por levá-lo ao veterinário da mesma forma, “e, ao chegar, notou que a crise havia sido controlada”. Ainda em março, o animal apresentou uma crise mais leve na qual foi administrada a *Apis mell* subcutânea novamente e, em 30 minutos, a crise havia sido solucionada (LOPES *et al.*, 2017).

Os autores relatam que após esse período inicial do tratamento o animal só foi medicado com o tratamento via oral, três vezes ao dia, por mais 30 dias passando após para duas vezes ao dia por 60 dias, se mantendo com o tratamento uma vez ao dia, por seis meses. A conclusão foi que de a *Apis mell* 30CH por via oral foi efetiva no controle e profilaxia da enfermidade alérgica e a aplicação subcutânea de *Apis mell* D35 foi capaz de controlar a crise no paciente sendo uma técnica segura em casos agudos e emergenciais (LOPES *et al.*, 2017).

Ranjan *et al.* (2014) reportam o sucesso no tratamento para demodicose, doença causada pelo ácaro *Demodex canis*, em dois cães com o medicamento *Graphitis* 200CH. Os animais foram levados à consulta homeopática após o insucesso no tratamento convencional com fármacos como a ivermectina. Ambos pacientes apresentavam áreas de alopecia, prurido e formação de crostas e áreas de eritema na pele. Os dois animais foram tratados com o *Graphitis* 200CH líquido, duas gotas uma vez ao dia por um a dois meses. Após um mês de tratamento a condição dos animais havia melhorado significativamente com a redução do eritema e das áreas de alopecia. Além disso, nenhum dos cães apresentou novo quadro de prurido ou irritação na pele após o tratamento. Os autores concluíram que a medicação foi eficaz sendo uma forma segura para o tratamento de *Demodex canis* visto que os tratamentos convencionais podem ser muitas vezes potencialmente tóxicos, ineficientes e prejudiciais aos animais (RANJAN *et al.*, 2014).

Budgin; Flaherty (2013) realizaram um estudo sobre terapias alternativas para o tratamento de doenças dermatológicas na medicina veterinária apontando a homeopatia como uma das formas eficazes dentro das terapias alternativas e complementárias. O foco do levantamento foi o tratamento da dermatite atópica, doença que se estima que afete de 10 a 15% da população canina. Dentro da pesquisa dos autores, alguns poucos estudos foram

encontrados com avaliação precisa da eficácia da homeopatia na dermatologia veterinária. Os autores relatam também que as terapias mais comuns incluem os medicamentos *Pulsatilla* 200CH, *Sulfur* 30CH e *Phosphorus* 200CH.

Em um dos estudos analisados por Budgin; Flaherty (2013), 20 cães com dermatite atópica foram tratados com homeopatia e os sinais cutâneos avaliados pelos tutores através de um sistema de avaliação de prurido validado. Em 15 casos, os tutores relataram que não observaram melhora, mas nos outros cinco animais o prurido reduziu de 64 a 100% tendo um animal, inclusive, deixado de receber o tratamento convencional devido à melhora total no quadro. Os autores ressaltam a dificuldade em realizar estudos com a administração de homeopatia por muitas vezes falharem no princípio da individualização do paciente ou por apresentarem falhas no controle e nos métodos de diagnóstico, monitorização e avaliação. Apesar disso, os medicamentos homeopáticos são geralmente considerados de baixo ou nenhum risco de efeitos adversos, ao contrário do observado nos medicamentos convencionais mais utilizados no tratamento da dermatite atópica, como os glicocorticoides.

#### 4.1.2 Homeopatia no tratamento de doenças neurológicas e distúrbios comportamentais

O pesquisador Varshney (2007), realizou um estudo de caso com 10 cães com idade variando de um a oito anos de idade com histórico de epilepsia idiopática. Os tutores relataram que os animais apresentavam de uma a três crises por mês. Além desses dez cães, outros pacientes do hospital com casos de epilepsia entre os anos 2001 a 2003 foram recrutados a participar do estudo, embora sem duração definida no tratamento. Durante a fase de convulsão, os tutores administraram três a quatro gotas de *Belladonna* 200CH via oral em intervalos de 15 minutos até que houvesse uma redução na crise convulsiva. Ainda, o medicamento foi administrado via oral quatro vezes ao dia, por até oito meses. O número de crises foi monitorado pelos tutores e a ausência de crises por três meses foi considerada como cura.

Varshney (2007) obteve resultados satisfatórios com todos os animais. No começo do tratamento, os cães apresentavam de uma a cinco convulsões tônico-clônicas generalizadas por semana com duração de um a três minutos e perda de consciência, alteração no tônus muscular, salivação, micção e defecação involuntárias. Em todos os casos, a administração de *Belladonna* 200CH em intervalos de 15 minutos durante a crise foi associada com a redução da atividade convulsiva em até uma hora. O número de crises foi reduzido para duas a três por semana nos primeiros 14 dias de tratamento e, posteriormente, chegando a nenhuma ou no

máximo uma crise por semana com um mês de tratamento. Nenhuma crise posterior foi relatada pelos tutores durante dois a oito meses de tratamento exceto em dois animais que voltaram a apresentar convulsões após 15 a 25 dias da descontinuidade da medicação. Tais pacientes retornaram ao tratamento e as crises cessaram novamente. Após dois e quatro meses da administração da terapia com *Belladonna* foram analisadas as enzimas hepáticas para avaliação de possível lesão ao fígado com o tratamento, porém, os valores permaneciam dentro da referência para todos os animais. Essa avaliação foi realizada devido ao fato de que os tratamentos convencionais para epilepsia utilizam fármacos potencialmente indutores de enzimas hepáticas e podem causar efeitos adversos ao organismo dos pacientes (VARSHNEY, 2007).

Souza (2002) também traz um exemplo de caso clínico de um cão com alterações neurológicas com histórico de convulsões que ocorriam em “um padrão curioso”. Segundo os tutores, o animal da raça pastor alemão de três anos apenas convulsionava as sextas-feiras. De acordo com o relato de Souza (2002):

Na tomada do caso, é informado de que o cão é muito carinhoso, destruidor de objetos, de comportamento excepcionalmente infantil apesar de já ser adulto e que apresentou uma otite, tratada com antibióticos há aproximadamente 3 meses. Esse cão estava há pouco tempo com essa família; o dono anterior o doou por não suportar o seu temperamento destruidor. Foi relatado que por muitos dias o animal se alimentou muito mal e ficou quieto, mas, há cerca de dois meses estava mais "alegrinho". Foram escolhidos como "guias" os sintomas;

- (a) Abandono
- (b) Convulsões periódicas - a cada sete dias
- (c) Comportamento infantil
- (d) Comportamento destruidor
- (e) Supressão de descargas (tratamento da otite)

Neste caso, o veterinário optou pelo tratamento com *Stramonium*, medicamento que provocou o retorno da otite no paciente. Segundo Souza (2002), “o proprietário foi orientado a não tratá-la dessa vez e, após mais uns dias, a otite cessou e o animal nunca mais apresentou os sintomas de convulsão”. Souza (2002) relata ainda:

Observa-se nesse caso clínico a Lei de Hering que enuncia: "A cura se processa de dentro para fora e de cima para baixo, apresentando sintomas em ordem inversa ao seu aparecimento, partindo de órgãos mais nobres para os menos nobres." O caso

desse pastor alemão foi um clássico exemplo da atuação dessa lei, onde o desequilíbrio verificado através dos sintomas cerebrais (órgão nobre) se encaminha para o ouvido (órgão menos nobre), até a cura. Demonstrou-se, ainda, a conduta do médico veterinário homeopata perante a anamnese, observando o interesse pelos tais sintomas raros e a preocupação pela gênese do desequilíbrio (o abandono).

Além das doenças neurológicas, os distúrbios comportamentais são uma das principais casuísticas nas consultas homeopáticas (GIORDANO, 2018). Brum *et al.* (2017) escreveram um relato de caso com dois pacientes felinos com eliminação de urina fora da caixa de areia, explicando que diversos motivos podem levar os animais a esse comportamento:

[...] marcação de território, presença de fêmeas em estro, ansiedade, alterações na rotina e mudanças no ambiente. Muitas vezes, alterações na caixa de areia, como quantidade, composição e cheiro da areia, limpeza, modelo, localização da bandeja, barulhos, e adaptação aos itens anteriores também podem influenciar nessa condição.

“A terapêutica convencional consiste em tratar a doença de base, eliminar o agente ou situação que leva o gato a fazer isso, tornando o uso de caixa de areia o mais agradável e seguro possível”, relatam Brum *et al.* (2017). O primeiro paciente era um felino, fêmea, de aproximadamente três anos, com a queixa de estar urinando em todos os lugares da residência e, segundo os tutores, “Foi adotada em 2016 e antes disso, vivia em um condomínio onde havia vários gatos, e era rejeitada por todos os moradores. Parece que já havia parido, e amamentou mais de 20 filhotes de outras gatas”. O veterinário prescreveu o medicamento *Phosphorus* 200CH administrado uma gota uma vez ao dia por três dias, passando após para uma vez por semana (BRUM *et al.*, 2017).

O segundo paciente citado por Brum *et al.* (2017) no relato de caso era um felino, macho, seis anos, com a queixa de que o “animal estava eliminando urina na posição vertical e fora da caixa de areia”. Além disso, foram feitas as seguintes observações pela tutora:

O gato (não castrado) de uma vizinha batia nele pela grade e urinava no carro. Entrava no quintal para urinar e para agredi-lo (defendia seu território). Na semana que o gato agressor foi castrado, o paciente começou a urinar na vertical. Sempre foi manso, tranquilo e afetuoso. Atualmente, estava cuidando de uns filhotes que estavam em sua casa. Após os ataques do gato da vizinha, passou a agredir os tutores e a outra gata da casa, o que jamais havia feito. Após cada encontro com o

gato intruso, ele entrava em casa e batia na gata. A tutora relatou que “cada vez que ia para o quintal, entrava em casa e vomitava”.

A partir da anamnese, foi prescrito *Nux vomica* 200CH, uma gota à noite, por três dias e, após, passando para uma vez por semana. Brum *et al.* (2017) explicam que não foi feita a repertorização homeopática, sendo os medicamentos escolhidos com base nas características dos animais e encontradas na matéria médica consultada. Segundo os autores:

No caso 1, foi considerado que se tratava de uma gata bastante compassiva, afetuosa, amigável, que gostava de cuidar dos outros e sentia calor, características que estão presentes na MM de *Phos*”. [...] Em relação ao caso 2, foi considerado que o animal estava irado e indignado com a invasão do seu território pelo gato intruso. Descontava sua raiva nos tutores e na outra gata da casa. Os vômitos dentro de casa, após retorno do quintal (local dos embates com o agressor), refletiam sua insatisfação com aquela situação incômoda. Por esses motivos, foi prescrito *Nux-v*, que tem transtornos mentais ou físicos por ira e indignação, descontando de forma agressiva, verbalmente ou fisicamente, inclusive em seus entes queridos. No seu estado de equilíbrio, o paciente se mostrava manso, afetuoso e compassivo, características que um indivíduo *Nux-v* também pode apresentar.

Ambos os animais relatados neste trabalho de Brum *et al.* (2017) recuperaram-se rapidamente dos seus respectivos distúrbios de micção e demais comportamentos indesejáveis e retornaram ao estado de equilíbrio devido ao tratamento homeopático.

#### 4.1.3 Homeopatia no tratamento de doenças neoplásicas

Benites; Melville (2003) descrevem o caso de uma cadela da raça cocker spaniel, de 12 anos de idade, que apresentava melanoma maligno na região da boca e pescoço e que já havia passado por duas cirurgias para retirada dos tumores, porém, eles haviam retornado após três meses da segunda cirurgia. Além dos tumores, o animal possuía um quadro de hipotireoidismo, polifagia, cistos sebáceos em várias áreas do corpo e, com apenas três anos, já havia realizado uma cirurgia para retirada de um tumor de mama. Foi instituído tratamento com *Phosphorus* LM6, duas gotas por via oral durante dez dias. Após os dez dias de tratamento, o melanoma da boca da paciente supurou e ela parou de se alimentar. Nesse momento foi prescrito *Silicea* 6CH em dois *plus* por dia durante meia hora com administrações a cada dez minutos, por dois dias. Ao final dos dois dias, o processo

supurativo da boca apresentou melhora e se manteve o tratamento com *Silicea* 12CH, duas gotas por dia via oral, durante sete dias. A paciente foi acompanhada ao longo de aproximadamente cinco meses em que foram feitos ajustes de frequências e doses das medicações até que os melanomas na boca e no pescoço haviam desaparecido completamente. Entretanto, nesse período o animal apresentou agravamento em um quadro de otite e problemas dermatológicos para os quais foi prescrita *Calcarea carbônica* 12CH, duas gotas duas vezes ao dia. Ao final de 40 dias foi verificado que o animal não mais apresentava os sinais clínicos descritos acima e os do começo do tratamento, exceto pela permanência dos cistos sebáceos. A cadela havia perdido peso e estava mais ativa.

Benites; Melville (2003) explicam que o melanoma maligno é o tumor oral mais diagnosticado entre os caninos e a eficiência dos tratamentos para essa neoplasia por remoção cirúrgica, radio ou quimioterapia é muito baixa com prognóstico muito reservado. Os autores destacam que Hahnemann, em seu livro “Organon da arte de curar”, afirmou que as doenças como câncer e neoplasmas são formas de *Psora*, como chamou, e por esse motivo deveriam ser tratadas com um medicamento antipsórico. Dessa forma, os autores explicam que os medicamentos propostos no tratamento da cadela foram escolhidos por serem classificados como antipsóricos pelo médico alemão Samuel Hahnemann. Benites; Melville (2003) descreveram:

No parágrafo 171 do “Organon da arte de curar” verifica-se que Hahnemann afirma que na *Psora* frequentemente é necessário administrar diversos medicamentos antipsóricos seguidamente, porém de maneira que cada um seja homeopaticamente escolhido em consonância com o grupo de sintomas restantes após o término da ação do remédio anterior, para que se possa efetuar a cura (Hahnemann). No caso presente verificou-se que no tratamento de animal acometido por melanoma maligno foram alterados os medicamentos antipsóricos à medida que a sintomatologia assim o requeria e desta forma pode-se verificar não somente a cura do melanoma bem como dos processos eruptivos na pele e ouvido que foram gerados quando o tumor foi eliminado.

Outros trabalhos relatam sucesso no tratamento e estadiamento de tumores em animais de companhia. Lopes (2017) descreve o caso de um canino, macho, da raça golden retriever de nove anos, apresentando aumento de linfonodos submandibulares, tosse e engasgo, ceratite seca recorrente, diminuição da pressão ocular bilateral, lacrimejamento e estava em tratamento com “*Viscum album* D6 no ponto de acupuntura vaso governador (VG14), havia

seis meses, aplicado pela veterinária que o atendia”. Segundo o autor, os linfomas são os tumores de células hematopoiéticas mais diagnosticados em cães e podem surgir em qualquer local do corpo do animal. Para o tratamento do paciente, optou-se pela utilização do *Viscum album* injetável, nas dinamizações D3/D6/D9/D12 e D30 de forma combinada, por via subcutânea e intravenosa, combinado ao tratamento via oral com *Baryta carbonica* 6CH, *Colibacilinum* 200CH e *Arsenicum album* 6CH. Lopes (2017) esclarece que o *Viscum album* é uma planta “que atua como um modificador biológico, melhora a resposta imunológica do paciente enfermo, promove efeito antitumoral, antiangiogênico, e ativa as citocinas que promovem a necrose tumoral”. O paciente foi acompanhado por 18 meses de terapia injetável com a utilização do *Viscum album* e as associações homeopáticas. O autor observou que durante esse período os linfonodos submandibulares se mantiveram aumentados em 20% do tamanho normal, porém, os demais parâmetros clínicos se mantiveram estáveis e normais, com boa analgesia durante todo o tratamento.

Lopes (2017) informa sobre outros estudos que relatam que pacientes com linfomas tendem a apresentar aumento generalizado dos linfonodos além de ascite, anorexia e caquexia. Dessa forma, o autor conclui que a utilização das medicações promoveu o controle e estadiamento do tumor até o momento da publicação embora mais estudos sejam necessários em pacientes não responsivos à quimioterapia convencional. Além disso, indica o *Viscum album* ultradiluído por apresentar vantagens como “a não necessidade de internação, o aumento da sobrevida, a promoção da qualidade de vida, e a ausência de efeitos colaterais a médio e longo prazos” (LOPES, 2017).

O *Viscum album* (VA) também foi utilizado por Valle *et al.* (2017) no tratamento de um canino, fêmea, pastor australiano, de 12 anos de idade, com diagnóstico de colangiocarcinoma, uma neoplasia maligna que possui origem nos ductos biliares ou na vesícula biliar e pode fazer metástase para outros órgãos como pulmões e linfonodos regionais. Segundo os autores, em outubro de 2016:

[...] iniciou-se o tratamento pela medicina complementar, sendo instituído homeopatia injetável, com aplicações subcutâneas (SC), de VA D3, D6, D9, D12, D3, diariamente, em associações. Uma vez por semana, o animal retornava à clínica, para sessões de cromoterapia e auto-hemoterapia (1mL de sangue, aplicado IM). Ainda, para tratamento do microambiente tumoral foi administrado *Taraxacum* 30cH e *Phosphorus* 30cH SC. Concomitantemente, foi realizada a administração de vitamina D3 3000UI/SID, curcumina 150 mg±piperina 400 mcg/BID e *Carcinosinum* 200 cH/SID (VO). A alimentação do animal foi constituída por dieta

cetogênica à base de 30% de proteína animal, 50% de gorduras saturadas e 20% de legumes.

Valle *et al.* (2017) relatam que foi possível observar a ação imunomoduladora da auto-hemoterapia associada ao VA D3 ao ser verificada expressiva melhora na contagem de leucócitos após sete dias de tratamento. Além disso, os sinais clínicos e as alterações bioquímicas mais comuns encontradas na literatura referente ao colangiocarcinoma não foram observados no caso da paciente e suas enzimas hepáticas se encontraram dentro dos valores de referência. Através da ultrassonografia foi possível acompanhar o crescimento tumoral para avaliação da eficiência do tratamento. Segundo os autores:

A ultrassonografia diagnosticou que o nódulo hepático permaneceu em crescimento, em contrapartida, com os demais parâmetros controlados. Em novembro de 2016, nódulo do fígado apresentou 63,64cm<sup>2</sup>, e o baço não apresentou alterações; em janeiro de 2017, nódulo do fígado tinha 63,64cm<sup>2</sup> e o do baço mantinha-se sem alterações. Houve crescimento de 64% entre os meses de outubro e novembro de 2016 (intervalo de 37 dias), período em que o animal estava sem tratamento. Em janeiro de 2017, foi constatada a redução de crescimento tumoral para 13%, quando comparado ao observado entre outubro e novembro de 2016. No período de janeiro e fevereiro de 2017, não houve crescimento, confirmando que o tratamento estava sendo efetivo. No período de fevereiro a maio de 2017, houve crescimento de 37% (94 dias).

O animal permaneceu em tratamento até o momento da publicação do relato, momento em que os autores escreveram ser correto afirmar que o tratamento “foi efetivo em seu propósito, ao aumentar a sobrevida da paciente, desacelerando o crescimento tumoral e melhorando sua qualidade de vida”. Entretanto, concordam que sejam necessários novos estudos e modelos de avaliação para doenças neoplásicas e para o entendimento das variações observadas no trabalho (VALLE *et al.*, 2017).

#### **4.2 Homeopatia na clínica de grandes animais e na agropecuária orgânica**

A utilização da homeopatia na clínica de grandes animais e na produção de alimentos de origem animal orgânicos é uma tentativa de amenizar o seguinte quadro descrito por Arenales (2002):

Cerca de 3 milhões de toneladas de agrotóxicos anualmente são despejadas no planeta, contaminando o solo e água, os animais e vegetais. Consequentemente toda contaminação e os efeitos residuais se voltam contra o ser humano. Neste ponto entra a HOMEOPATIA determinando ao produtor um aumento em seus lucros, pelo incremento da produção e pela diminuição em suas despesas.

Arenales (2002) também ressalta que, por ser uma medicação exclusivamente energética, sem substâncias químicas ativas, não há o risco de contaminação da carne e outros produtos animais como leites e ovos pelos medicamentos, em contraposto ao que ocorre com medicações alopáticas como antibióticos, anti-inflamatórios, antifúngicos, carrapaticidas, entre outros. Além desse fato, a homeopatia é consideravelmente mais econômica para os produtores que podem alcançar lucros e, ao mesmo tempo, prover alimentos mais saudáveis e seguros ao consumidor final e às suas próprias famílias (ARENALES, 2002).

Por esses aspectos, a homeopatia é uma grande aliada no exercício de curar e prevenir doenças nos animais domésticos além de ser de extrema eficiência quando usada de forma correta nos animais ligados à produção de alimentos (PIRES, 2005). Nesse contexto, Arenales (2002) explica:

O Manejo Homeopático possui a competência de ser integrado ao Manejo Convencional (onde existem a adubação de solo, entre outras técnicas), viabilizando carne com baixo teor de resíduos químicos, facilidade de manejo, incremento de produção e repressão a resistência dos ectos e endo parasitos. No Manejo Orgânico, a integração do Manejo Homeopático aos Métodos de Pastagens Rotativas concretizam a carne bovina orgânica com sustentabilidade.

Arenales (2002) também relata que a grande dificuldade na produção de carnes com selo orgânico sempre foi o tratamento dos parasitas nos bovinos. A autora esclarece que, no Brasil, essa conquista só é possível através no uso da homeopatia, pois podem ser administradas ao gado sem qualquer preocupação com resíduos ou alterações organolépticas e sensoriais da carne. Além disso, comenta que se observa uma melhor cobertura de carne e gordura nas carcaças promovendo um melhor acabamento das mesmas. Porém, segundo a autora, ainda faltam pesquisas no setor de tecnologia dos alimentos para documentar essas melhorias de forma técnica.

Na opinião de Souza (2002), as vantagens da utilização da Homeopatia nos rebanhos incluem ainda:

1. Equilíbrio animal: O caráter energético da terapêutica homeopática confere aos animais tratados a redução do stress, especialmente no confinamento, devido a essa situação ser muito diferente da do ambiente natural a que estes estão acostumados. Dessa maneira, esse procedimento, em conjunto com um manejo adequado possibilitam o Bem Estar Animal, condição indispensável ao equilíbrio energético e à consequente saúde do rebanho. Animais criados em condições de pouco estresse desenvolvem melhor suas potencialidades de produção com qualidade;
2. Facilidade de administração: o medicamento homeopático é administrado por via oral, podendo ser colocado na água, ração ou sal mineral possibilitando assim, administração fácil e não invasiva, de forma que os animais não são submetidos à contenção e traumas, como pela aplicação de injeções;
3. Inexistência de resíduos: os produtos dos animais tratados com Homeopatia não apresentam resíduos, motivo pelo qual ela é utilizada em modelos orgânicos de produção;
4. Ausência de contaminação do meio ambiente: a Homeopatia não representa risco de contaminação, como o dos parasiticidas usados nos banhos de bovinos de corte que, à semelhança de outras substâncias para controle de parasitas, contaminam água, plantas e solo. Essa contaminação altera o meio-ambiente, reduzindo os insetos endêmicos que auxiliam no controle biológico de pragas. Um bom exemplo é o besouro "vira- bosta", que controla o desenvolvimento das larvas da mosca do chifre que crescem nas fezes dos animais.

O fato determinante na introdução da homeopatia como tratamento nos animais é que o produtor e o médico veterinário estejam cientes e conheçam o máximo possível sobre esses medicamentos, já que uma baixa adesão à prática reside no fato de que muitos desconhecem as técnicas utilizadas, seus princípios e objetivos, assim como os resultados almejados (JESUS; COUTINHO, 2018).

#### 4.2.1 Tratando os animais de produção com homeopatia

Como já comentado anteriormente, Hahnemann afirmou que a medicina homeopática pode e deve ser usada em todos os animais da mesma forma que é usada em humanos fazendo com que todas as espécies de animais domésticos possam ser beneficiadas pelo tratamento. Entretanto, quando se pensa em animais criados para a produção de alimentos, a abordagem clínica é diferenciada. Um rebanho, levando em consideração as características da espécie envolvida na criação, é considerado pela visão homeopática como um grande organismo

único e sendo dessa forma tratado, mas “obedecendo os passos para a conduta do tratamento individual” como explica Souza (2002).

Cada organismo ou grupo de animais apresenta suas características próprias como raça, temperamento, local de criação, entre outros. Assim, o médico veterinário homeopata deve levar em consideração todos esses aspectos que caracterizam o rebanho como único e que tornam suas moléstias particulares, atentando aos sinais clínicos mais característicos que todos os animais daquele grupo apresentam (SOUZA, 2002; PIRES, 2005). Segundo Pires (2005), foi através desse conceito de organismo único que Hahnemann tratou um surto de escarlatina com a medicação *Mercurius* e deu o nome de Medicamento do Gênio Epidêmico àquela substância usada para tratar uma enfermidade que acometa a toda uma população animal ou humana. A autora complementa que “quando escolhido o medicamento, este pode ser administrado em pacientes saudáveis como forma de prevenção em áreas consideradas de risco”, tornando possível dessa forma a redução da prevalência de indivíduos acometidos, número de óbitos e, também, a severidade da enfermidade naqueles que já estão doentes.

Arenales (2002) explica de forma sucinta a definição do medicamento gênio epidêmico:

Explicar e exemplificar esta técnica é simples. Todos os indivíduos que compõe o grupo, os animais tratados, são considerados como um único ser. Como se a boiada fosse um colmeia de abelhas, onde cada indivíduo não representa a si, porém parte de um todo. Os sintomas são considerados a partir da estatística de importância, selecionados homeopaticamente. Os sintomas mentais são considerados a partir da movimentação do grupo e não de indivíduos isolados. Desta forma o medicamento indicado é fornecido a todo o grupo. Técnica esta importante na solução de epidemias humanas e hoje utilizada pelo Médico Veterinário Homeopata como instrumento para curar e prevenir doenças no gado de corte.

Além das doenças físicas, Souza (2002) relaciona algumas situações de estresse e distúrbios comportamentais que são tratados com eficácia pela homeopatia como: o estresse de desmama onde os terneiros costumam apresentar queda de peso e baixa na imunidade se tornando mais susceptíveis às doenças; comportamento de sodomia, onde os machos não castrados são colocados juntos e, pela alta taxa de hormônios sexuais e pelo estresse do confinamento, passam a tentar cobrir uns aos outros. Porém, essa prática resulta em grande gasto energético além de ter potencial risco físico aos animais. A autora também informa

sobre o sucesso no controle de ectoparasitas como carrapatos, moscas do chifre e berne, além dos piolhos, pelo uso da homeopatia no gado de corte.

Sobre as formas de administração dos medicamentos homeopáticos, Pires (2005) relata que a utilização via oral costuma ser a mais empregada, porém, a medicação pode ser administrada de várias maneiras:

No caso em que se vão tratar poucos animais pode-se pingar ou misturar glóbulos, tabletes, pó ou comprimidos na comida (concentrado ou volumoso) e fornecer diretamente ao animal. Quando o tratamento é para todo o rebanho em casos de surtos ou de prevenção de doenças, assim como no combate a carrapatos, vermes, mosca-do-chifre etc., o preparado homeopático pode ser fornecido junto ao sal mineral. [...] Além da administração via oral, pode-se pulverizar ou aspergir o medicamento homeopático, diluído em água, nas mucosas do animal (oral ou vaginal). Uma boa prática é aspergir esta mistura no focinho, uma vez que o animal automaticamente vai lambe o local, fazendo com que o preparado entre em contato com a mucosa oral.

#### 4.2.2 Homeopatia na bovinocultura de leite e de corte

Quando se fala de rebanhos leiteiros, o principal problema é a mastite. A doença é extremamente importante por ser diretamente ligada às grandes perdas econômicas com tratamento, menor produtividade das vacas e descarte de leite por contaminação com medicamentos alopáticos, principalmente antibióticos. Além do aspecto econômico, o uso indiscriminado dos antimicrobianos no tratamento da mastite vem promovendo um aumento na resistência bacteriana às diversas classes desses medicamentos, tornando seu uso cada vez mais restrito e dificultoso (JESUS; COUTINHO, 2018).

Nesse cenário, a homeopatia vem se tornando uma alternativa para o tratamento dos rebanhos bovinos leiteiros. Entretanto, o desconhecimento sobre a homeopatia num geral e seu uso nos diversos tipos de tratamento resulta na não utilização dessa prática por muitos médicos veterinários. Com esse contexto, Jesus; Coutinho (2018) desenvolveram uma revisão sobre o uso da homeopatia no tratamento da mastite bovina. Os autores verificaram que os medicamentos homeopáticos de origem vegetal mais utilizados foram *Aconitum napellus* (na potência 6CH), *Arnica montana* (30CH), *Asa foetida* (6DH), *Atropa belladonna* (30DH, 12CH e 30CH), *Bryonia alba* (30DH e 30CH), *Calendula officinalis* (30DH), *Conium maculatum* (30CH e 200CH), *Ipecacuanha* (30CH), *Phytolacca decandra* (12DH, 30DH, 6CH, 12CH,

30CH e 200CH), *Pulsatilla nigricans* (6DH, 30DH, 6CH e 30CH) e *Urtica urens* (30DH e 30CH). Dentre esses, vários possuem indicação na literatura como *Aconitum napellus* e *Calendula officinalis* para febre e estados inflamatórios agudos além da *Urtica urens* que é indicada para aumentar a produção de leite.

Dentre os medicamentos de origem animal, Jesus; Coutinho (2018) encontraram *Apis mellifica* (não tendo sido descrita a dinamização utilizada), *Calcarea carbonica* (6DH e 6CH), *Carbo animalis* (12CH), *Lachesis muta* (6DH e 12DH) e *Sepia succus* (6DH). A medicação *Apis mellifica* é muito indicada para o tratamento de doenças que apresentem edema e inflamação aguda, exatamente como ocorre no caso da mastite. Quanto aos medicamentos de origem mineral, os autores destacam *Mercurius solubilis* e *Phosphorus albus*, ambos indicados para o tratamento de qualquer tipo de inflamação e o *Phosphorus albus* para casos de fissuras, muitas vezes presentes nos quadros de infecção e inflamação do úbere.

Além desses, é bem comum o uso de medicamentos isoterápicos ou bioterápicos, também chamados de nosódios, que são medicamentos elaborados a partir das próprias excreções e secreções, órgãos e tecidos e/ou produtos de origem microbiana provenientes dos animais acometidos. Jesus; Coutinho (2018) comentam que os principais nosódios utilizados nos estudos encontrados são baseados na extração dos agentes etiológicos das amostras de leite contaminadas, dentre eles *Staphylococcinum* (200DH, 12CH), *Streptococcinum* (200DH), bioterápico complexo (30CH), nosódio complexo composto por *Streptococcus uberis*, *Streptococcus dysgalactiae*, *Streptococcus agalactiae*, *Escherichia coli* e *Staphylococcus aureus* (dinamização não informada e outro com 30CH) e isoterápico feito a partir do leite. Essas medicações são recomendadas para redução da severidade dos sinais clínicos, da duração e do número de animais infectados.

Como resultados, Jesus; Coutinho (2018) encontraram na literatura relatos variáveis em relação aos tratamentos de mastite em rebanhos leiteiros. Foram usadas diferentes preparações, dosagens, vias e tempos de tratamento. Além disso, a comparação dos medicamentos homeopáticos com produtos convencionais alopáticos traz a dificuldade de que a metodologia aplicada na pesquisa pode ter sido diferente e sem levar em consideração os princípios básicos da homeopatia. Somado a tal fato, os parâmetros de cura variam e são baseados comumente na ausência de isolados positivos para micro-organismos no leite e nos testes de CMT (*California Mastitis Test*) e CCS (Contagem de Células Somáticas) em mastites subclínicas e clínicas.

Jesus; Coutinho (2018) relatam os resultados de diversos estudos na revisão:

No experimento realizado por Martins *et al.* (2007) observou-se redução na frequência de mastite subclínica desde o primeiro mês de tratamento, sendo que a mesma continuou em declínio até o período de 90 dias, que foi o período de experimentação, demonstrando a possibilidade da utilização da homeopatia com resultados rápidos sem perda na produção leiteira. [...] Almeida *et al.* (2011) chegaram ao resultado de ausência de isolamento microbiano de *Staphylococcus aureus* em 60% dos tetos tratados; enquanto que a ausência no grupo controle foi de apenas 32,6%. Em outro trabalho, Almeida *et al.* (2005) verificaram cura microbiológica em 72,7% dos tetos tratados. Kiarazm *et al.* (2011) concluíram que o uso de medicamentos homeopáticos reduziu o isolamento de bactérias no leite e também ocasionaram uma diminuição na CCS, resultados que corroboram para a diminuição da mastite. Resultados de diminuição na contagem de células somáticas também foram encontrados por Barzon *et al.* (2008) em 82% dos animais tratados. Martins *et al.* (2007) constataram em seu experimento que houve redução na mastite subclínica de 44,5% para 3,9% no rebanho, sendo que o uso do medicamento homeopático foi a única prática de manejo alterada na propriedade.

Jesus; Coutinho (2018) reforçam que, embora existam evidências clínicas de resultados positivos com o tratamento homeopático para os casos de mastite, as informações obtidas são escassas para obter uma conclusão definitiva, o que torna necessária a realização de outros experimentos que levem em conta diferentes aspectos como estações do ano diferentes, maior número de animais no experimento, tratamentos e manejos diferenciados, entre outros. Ainda, os autores relatam um trabalho em que alguns animais não obtiveram resposta no tratamento homeopático sendo tratados posteriormente com antimicrobianos convencionais e, da mesma forma, animais que não apresentaram resultado com o tratamento convencional foram tratados com homeopatia. Os autores mostraram que ambos tratamentos podem ser utilizados e que apresentam tanto falhas quanto qualidades.

Desta forma, Jesus; Coutinho (2018) concluem que a homeopatia pode ser usada como terapia alternativa no tratamento da mastite com resultados significativamente positivos. Entretanto, novos estudos são necessários para esclarecer a resposta dos animais frente a diferentes medicamentos, doses e vias de aplicação.

Pelo crescente apelo social por produtos mais naturais, o leite orgânico pode ser uma opção potencialmente lucrativa aos produtores. Puhl *et al.* (2017) explicam que para um sistema orgânico de produção é fundamental que além dos animais, seja trabalhada e tratada a propriedade como um todo, com foco no uso sustentável de recursos naturais, manutenção da biodiversidade e proteção ao meio ambiente.

Quando se trata do leite orgânico, a propriedade rural inteira deve funcionar de forma integrada, pois o produto final, o leite, depende da pastagem que alimentará os animais, da água, das matas, do esterco dos bovinos e do trabalho humano dos produtores e do médico veterinário homeopata. Assim, Puhl *et al.* (2017) ressaltam que esse setor é uma ótima alternativa para pequenos e médios produtores que almejam fazer parte de um mercado diferenciado e em expansão. Comentam ainda, que o objetivo do médico veterinário de uma propriedade de produção orgânica deve ser sempre pela prevenção das enfermidades, onde o tratamento seja apenas um complemento e nunca o foco principal deixando-se de lado as práticas de manejo preventivas. Concluindo, os autores reforçam que, quando há necessidade de tratar um animal ou o rebanho, é fundamental que se procurem as causas da doença e não apenas que se combatam os efeitos do desequilíbrio.

Além da mastite, outro grande problema dos rebanhos bovinos é a infestação pelo carrapato *R. microplus* e, estima-se que as perdas econômicas no Brasil sejam em torno de 3,24 bilhões de dólares ao ano. A principal forma de controle das infestações por essa espécie de carrapato continua sendo através do uso de parasiticidas químicos, entretanto, seu uso indiscriminado vem selecionando populações resistentes à diversas substâncias químicas disponíveis no mercado. Além da resistência, essas substâncias provocam a contaminação do meio ambiente e dos produtos oriundos dos animais, como o leite e a carne, além de serem potencialmente causadores de intoxicações nos trabalhadores e nos animais. Tais fatos tornam o uso desses preparos químicos cada dia mais problemático e oneroso aos produtores (PAIXÃO *et al.*, 2017).

Em um estudo com 60 fêmeas  $\frac{3}{4}$  holandês/zebu com idades a partir de seis meses, pesando entre 100 e 150 kg, Paixão *et al.* (2017) testaram a eficácia de quatro tratamentos diferentes para o controle do carrapato *R. microplus*. Segundo os autores os grupos foram:

[...] grupo químico (GQ); grupo eucalipto (GE); grupo neem (GN); grupo homeopatia (GH) e grupo controle (GC). No GQ, após teste de sensibilidade, foram utilizados os princípios ativos clorfenvinfós tópico na diluição comercial e Ivermectina subcutâneo, 200 mg/kg (FURLONG, 2001). No GE, foram efetuados cinco banhos (aspersão costal) com óleo de Eucaliptus glóbulos, a cada 21 dias, de janeiro a abril. No GN, foi disponibilizado, diariamente, torta de neem (*Azadirachta indica*), misturada com sal, na proporção de 80g/2,5kg. No GH, foi utilizado sal mineral homeopatizado, manipulado no laboratório da Embrapa (o produto encontra-se sob sigilo e passível de ser patenteado), disponibilizado *ad libitum*. O GC não recebeu qualquer tipo de tratamento.

Ao longo do tratamento foram realizadas contagens de carrapatos a cada 21 dias e pesagem dos animais a cada três meses por um período de 30 meses. Paixão *et al.* (2017) observaram que o tratamento com a homeopatia se mostrou mais eficiente que os demais apresentando menor carga parasitária e maior ganho de peso quando comparado com todos os outros tratamentos e com o grupo controle. Os autores relatam que as evidências reforçam que a utilização do medicamento homeopático não extermina a população de carrapatos, permitindo que haja uma população aceitável e controlável que possibilite a manutenção de um *status* imunitário nos animais sem prejudicá-los, fato que aumenta a rentabilidade dos produtores por tornar menos necessário ou totalmente desnecessário o uso de produtos químicos e, ainda, diminui a chance de selecionar populações de carrapatos resistentes.

Paixão *et al.* (2017) concluem afirmando que os resultados do experimento permitem inferir que a utilização da homeopatia no controle do carrapato *R. microplus* traz vantagens em relação aos produtos químicos convencionais e aos fitoterápicos utilizados no experimento. Além disso, o medicamento homeopático é mais sustentável que os demais tratamentos, podendo ser utilizado em produções orgânicas.

Além da mastite e das infestações por carrapatos, outro problema comum nos rebanhos bovinos é a alta prevalência de papilomatose bovina, uma doença viral infectocontagiosa, crônica e tumoral “classificada na medicina homeopática como sicose, isto é, afecção geral permanente do organismo, que se manifesta por moléstia do epitélio escamoso queratinizado (pele) e não queratinizado (mucosas)” (MARINS *et al.*, 2006). Muitas vezes, essas verrugas atingem os tetos das vacas prejudicando a ordenha e podendo causar ferimentos no úbere que se tornam portas de entradas para outras doenças (KRIGUER *et al.*, 2015).

O medicamento antissicótico de escolha para o tratamento da papilomatose é a *Thuya occidentalis*. Marins *et al.* (2006) realizaram um estudo para avaliação da eficácia do uso da *Thuya occidentalis* no tratamento da doença em 54 animais mestiços, de ambos os sexos e com idades entre um e sete anos de idade, sendo alguns animais com histórico de papilomas disseminados pelo corpo por mais de dez meses sem sucesso no tratamento com medicações alopáticas e auto-hemoterapia. Os animais foram divididos em três grupos. O grupo 1 era o controle e não recebeu nenhuma forma de tratamento. No grupo 2 foram administradas três doses de *Thuya occidentalis* na dinamização milesimal nos volumes de 20 mL, 15 mL e 10 mL, respectivamente, por via oral com intervalo de 30 dias entre cada dose. O grupo 3 foi composto pelos animais que receberam tratamento fitoterápico com a tintura mãe de *Thuya*

*occidentalis* pulverizada no local das lesões em três doses com intervalo de 30 dias entre cada aplicação (MARINS *et al.*, 2006).

Marins *et al.* (2006) obtiveram resultados positivos em ambos os tratamentos. Relatam que 61% dos animais do grupo 2 e 50% dos bovinos do grupo 3 apresentaram regressão completa das lesões em 90 dias de tratamento. Os autores explicam que, segundo relatam outros estudos, os quadros de papilomatose plana em que as lesões apresentam-se achatadas e mais aderidas à pele são mais resistentes aos tratamentos e, vários animais do presente estudo possuíam esse tipo de papilomatose, fato que pode ter contribuído com números não tão altos de recuperação. Entretanto, os autores relatam que a medicação é amplamente utilizada na medicina humana para o tratamento de verrugas na pele e em mucosas com recuperação total entre dois a seis meses de uso contínuo da *Thuya occidentalis*. Quando comparada a espécie bovina, esses animais apresentam a regressão das lesões de forma mais rápida, com apenas um mês de tratamento. Tais fatos indicam que os usos tanto homeopático dinamizado como na tintura mãe em forma fitoterápica da medicação são eficazes no tratamento da enfermidade, além de muito econômicos e de fácil aplicação.

Kriger *et al.* (2015), em seu estudo para avaliação da *Thuya occidentalis* no tratamento da papilomatose, também encontraram resultados muito positivos com redução das lesões em todos os animais avaliados. Os autores concluem reforçando que, além de eficaz para combater a enfermidade, foi observado um gasto 90% menor com a farmácia veterinária e o produtor não precisou descartar o leite de suas vacas devido ao uso da medicação, fato comum quando se usam medicamentos convencionais. Ainda, afirmam que foi promovido o bem-estar dos animais pelo desaparecimento das verrugas nos tetos não causando dor às vacas no momento da ordenha e, também, foi observado que os animais apresentaram-se mais calmos com a utilização do tratamento.

Ferreira (2018) escreveu um relato de caso ao acompanhar uma unidade de produção camponesa (UPC) no município de Pontão, noroeste do estado do Rio Grande do Sul. O autor constatou que a família utilizava os medicamentos homeopáticos para o tratamento de diversas doenças como infestações por ectoparasitas, mastite clínica e subclínica nos bovinos de leite além de outros tratamentos nas demais espécies da UPC. No entendimento da família residente na propriedade, as terapias homeopáticas apresentaram resultados positivos ao diminuir o uso de medicações alopáticas e, com isso, gerar um menor custo de produção dos animais. Em entrevista à Ferreira (2018), o produtor relata:

A homeopatia tem disponibilizado a nós agricultores a sua melhor ideia sobre sua eficácia nos animais, mostrando um tratamento natural e saudável, reduzindo os gastos econômicos por ter um valor mais acessível, além de reduzir as perdas de leite no descarte quando tratados os bovinos com antibióticos, sendo que a recuperação do animal com preparados homeopáticos ocorre em muito menos tempo. (Entrevista ao autor em março de 2018).

#### 4.2.3 Homeopatia na avicultura de corte

O Brasil é um dos principais países exportadores de carne de frango no mundo. A avicultura vem se expandindo a cada ano, assim como o apelo da sociedade por produções menos agressivas ao meio ambiente e aos animais. Por esse motivo, os sistemas agroecológicos, como caipiras, orgânicos ou alternativos, estão em pleno desenvolvimento com seu foco voltado para a profilaxia como base da sanidade dos animais e adotando práticas que favoreçam o bem-estar e a produção sustentável (AMALCABURIO, 2008).

Amalcaburio (2008) realizou uma pesquisa com o intuito de testar a eficácia da homeopatia em relação a um grupo controle de um sistema de criação em semiconfinamento alternativo. O objetivo geral da pesquisadora foi avaliar a influência de dois medicamentos homeopáticos, a *Calcarea carbonica* e a *Calcarea phosphorica*, no desempenho e saúde dos frangos de corte da propriedade. Os dados de eficiência foram obtidos através da análise do desenvolvimento ponderal, peso da carcaça e conversão alimentar dos frangos. Além disso, foi avaliada a influência na saúde geral dos animais através da análise de mortalidade, morbidade e peso dos órgãos. A autora esclarece que optou pelo uso dos dois medicamentos descritos acima em decorrência da “similitude que a linhagem das aves utilizada nos tratamentos apresenta com os sintomas registrados na matéria médica homeopática, com o intuito de melhorar o desempenho zootécnico e proporcionar uma ação terapêutica preventiva”.

Amalcaburio (2008) explica ainda:

A *Calcarea carbonica* é indicada para casos de desenvolvimento ósseo deficiente ou irregular. Apresenta similitude com indivíduos de constituição física de pele clara, flácida e tendência à obesidade, que apresentem morosidade nos movimentos (NASH, 1999). Indicada para casos em que a nutrição em geral é profundamente afetada, sobretudo durante a fase de crescimento. Atua especificamente sobre os tecidos ósseos e linfáticos. Os indivíduos apresentam muita sensibilidade ao frio (LATHOUD, 1987). Também se aplica em casos onde ocorram transtornos por

medo, ansiedade e impressionabilidade por qualquer ruído (KENT, 1989). [...] A *Calcarea phosphorica* é indicada para casos de fraturas, quando os ossos não se consolidam ou quando o desenvolvimento ósseo é tardio (NASH, 1999). Tem atuação específica sobre os ossos e o sistema linfático, daí o seu emprego na fase de crescimento, sobretudo prematuro ou rápido e também nas afecções agudas dos ossos. O medicamento tem similitude com sujeitos de constituição física delgada, mais do que em obesos (LATHOUD, 1987). Este medicamento é adequado para indivíduos jovens que apresentam lentidão em aprender a caminhar e pernas não suficientemente fortes para suportar o peso do corpo (KENT, 1989).

Os tratamentos utilizados nas aves do estudo de Amalcaburio (2008) foram um grupo controle sem medicamento (CN), um grupo que recebeu *Calcarea carbonica* 12CH (CC) e um grupo homeopatizado com *Calcarea phosphorica* 12CH (CP). A autora relata que os animais tratados com homeopatia receberam o medicamento na água diariamente em solução alcoolizada a 5% em uma dosagem de cinco gotas por ave ao dia. O tratamento durou 28 dias, desde os 22 dias de vida dos pintinhos até 49 dias de vida. Os resultados para a maioria das variáveis não apresentou diferença significativa entre os grupos segundo a autora. Entretanto, Amalcaburio (2008) reforça que as variáveis ganho de peso, conversão alimentar e taxas de mortalidade e morbidade observadas no estudo são semelhantes às apresentadas por aves da mesma linhagem criadas em sistemas convencionais onde se faz o uso de antibióticos e aditivos como promotores de crescimento. Tal fato, de acordo com a autora, é uma possibilidade para que sistemas de avicultura alternativos, agroecológicos ou orgânicos possam obter alimentos de boa qualidade e padrões de mercado segundo as exigências do consumidor, além de ser obtido a um custo mais baixo e com aumento do bem-estar dos animais.

Além da sua própria pesquisa, Amalcaburio (2008) cita diversos outros trabalhos com excelentes resultados:

Foram obtidos bons resultados com o uso de *Hypericum perforatum* onde as aves obtiveram melhor conversão alimentar e no comportamento mostraram-se mais calmas (OBA *et al.*, 2006). Com o objetivo de avaliar o produto homeopático *Sulphur* 202 CH em solução hidroalcoólica e o antibiótico Polistar, contra a micoplasmose em galinhas poedeiras, foram avaliados os indicadores: porcentagem de animais recuperados, enfermos e tempo de recuperação. O número de animais recuperados no grupo experimental foi maior em comparação ao grupo controle, observando-se diferença altamente significativa entre os grupos (ESTRADA *et al.*, 2006). Também sobre o controle de epidemias, Saad (1991a) relatou o controle de

um surto epidêmico de Newcastle em frangos de corte utilizando *Belladonna* 9CH e nosódio (um preparado a partir do cérebro e traquéia de aves sintomáticas). O mesmo autor comparou lotes de frangos de corte tratados convencionalmente e exclusivamente com homeopatia. Seus resultados mostraram maior ganho de peso e menor mortalidade acumulada aos 53 dias de idade das aves, no lote homeopatizado (SAAD, 1991b). Ainda, Vizzani e Novelli (1992) demonstraram o efeito de medicamentos homeopáticos com a função antimicrobiana em frangos, onde esses produtos tiveram efeito similar ou superior aos antimicrobianos utilizados convencionalmente.

Ainda no cenário da avicultura comercial, Len *et al.* (2016) realizaram um estudo para avaliar o uso da homeopatia em um sistema de criação colonial, onde as aves possuem espaço para se movimentar, estar ao sol, possibilitando uma maior expressão do comportamento natural da espécie, fato que aumenta bem-estar animal. Os autores explicam que, embora o sistema possua diversas qualidades, o custo da produção acaba sendo maior e, conseqüentemente, o valor final repassado ao consumidor também é mais alto quando comparado ao frango produzido em sistema industrial. Esse valor diferenciado se dá, por exemplo, pelo aumento na conversão alimentar do sistema colonial. Ou seja, para ganhar o mesmo peso o animal precisa comer quase o dobro de alimento que no sistema convencional da indústria.

Diante desse contexto, a homeopatia surge como uma ferramenta no auxílio dos produtores para melhoria dos índices zootécnicos tanto em produções industriais, coloniais e, ainda, orgânicas. Len *et al.* (2016) relatam que outros trabalhos já sugeriram que o uso da homeopatia em animais não ruminantes, como as aves, induz um efeito positivo sobre a imunidade dos animais promovendo uma melhora nos índices de forma geral. Além disso, outros autores citados por Len *et al.* (2016) obtiveram bons resultados no crescimento dos frangos de corte com o uso da homeopatia ao promover um ganho de peso superior aos grupos controle do estudo e, também, com função antimicrobiana similar ou superior aos medicamentos convencionais utilizados comumente.

Diante desses achados na literatura, Len *et al.* (2016) objetivaram avaliar o efeito de preparos homeopáticos no desempenho de frangos de corte criados no sistema colonial além de analisar o efeito dos medicamentos nos padrões de comportamento dos animais. Os autores utilizaram 60 pintinhos de corte da linhagem Plymouth Rock Barrada – carijó, com 15 dias de idade, que foram distribuídos em quatro baias, cada uma contendo 15 animais. Os tratamentos para os quatro grupos foram os seguintes: T1 – ração básica e *Nux vomica* 12CH; T2 - ração

básica e *Arsenicum album* 12CH; T3 - ração básica e *Rhus toxicodendron* 12CH, T4 – ração básica e água (controle padrão). A administração dos tratamentos foi feita a partir de 60 gotas do preparo misturadas a 50 gramas de açúcar cristal, posterior diluição e a mistura era adicionada à ração básica na proporção de 50 gramas do preparo para 25 quilos de ração. Foram avaliados o ganho médio diário, conversão alimentar e índice de eficiência produtiva além de diversos padrões comportamentais como comer, beber, ciscar, comportamento agressivo, sentadas, bicadas, entre outros. Os dados observados foram analisados e comparados entre os tratamentos.

Len *et al.* (2016) informam que o melhor resultado foi obtido no grupo em tratamento com *Nux vomica*. Os dois maiores índices de eficiência produtiva foram nos grupos que receberam *Nux vomica* e *Arsenicum album*. De acordo com os autores, esse índice “leva em conta vários aspectos da produção de frango de corte, e define se o sistema esta sendo positivo ou não, o que determina também a lucratividade do sistema”. Ainda, quanto à avaliação do comportamento dos animais, o tratamento com *Nux vomica* foi, novamente, o que apresentou melhor resultado com maior expressão dos chamados movimentos de conforto, enquanto que esse comportamento teve seu menor resultado no grupo controle sem terapia homeopática. A partir dos resultados do estudo, Len *et al.* (2016) concluem que, pela análise do comportamento das aves, a homeopatia auxiliou em melhores condições de bem-estar aos animais criados no sistema colonial, o qual possibilita que eles expressem seus comportamentos naturais ao contrário de sistemas de criação intensivos.

Atualmente, existe um crescente apelo da opinião pública das sociedades mais modernas por uma atitude médica tanto no tratamento como na criação de animais de produção por uma prática menos agressiva aos animais e ao homem, parte integrante dessa cadeia de produção. Pires (2005) ressalta que essa exigência se estende aos alimentos livres de resíduos potencialmente tóxicos e prejudiciais à saúde e, ainda, às práticas de criação dos animais que valorizem os aspectos humanitários de bem-estar e não agressão ao meio ambiente. Nesse contexto, a homeopatia ganha espaço ao ser uma prática médica que engloba todas essas preocupações em relação ao homem, aos animais e ao ambiente.

## 5 CONCLUSÕES

Como relatado no presente trabalho, Samuel Hahnemann, o pai da homeopatia, foi um homem insatisfeito com a forma como a medicina era praticada em sua época. Através de muita pesquisa, estudo e dedicação, ele foi capaz de trazer para a humanidade todo o conhecimento sobre os medicamentos homeopáticos. Conhecimentos esses que hoje nos proporcionam inúmeros tratamentos de diversas enfermidades, tanto humanas quanto animais.

Hoje, é notável a crescente insatisfação com vários modelos de prática médica e de práticas produtivas relacionadas aos animais destinados à produção de alimentos. O aumento do apelo social por alternativas é visível, principalmente nas sociedades mais modernas como a Europa, por exemplo. A humanidade percebe, cada dia mais, a necessidade de olhar os animais além da visão que possuíamos antigamente, de seres a serem explorados para nosso próprio prazer e alimentação. Atualmente, mesmo os animais de produção como bovinos, suínos e aves recebem maior atenção e zelo por parte dos produtores e da sociedade que prezam por seu bem-estar durante o processo produtivo.

Acreditamos que essas mudanças sejam um sinal de evolução de nossa consciência, que percebe que os animais também a possuem e que também são seres inteligentes e dotados de emoções e sentimentos. A partir dessa noção, é difícil prosseguir com os mesmos tratamentos que viemos dando a eles ao longo dos séculos. Assim, nessa necessidade de mudança, a homeopatia se encaixa perfeitamente no que buscamos para nós como consumidores de produtos de origem animal e para nossos animais, sejam eles *pets* ou não.

Com todos seus princípios e filosofia, acreditamos que não há ciência médica que preze mais por esse bem-estar geral de um paciente, que o olhe por completo, buscando suas mais diversas formas de se mostrar adoecido e necessitado de auxílio. Apesar da dificuldade em se obter evidências científicas a partir de estudos padronizados, é inegável a eficácia da homeopatia em diversos tratamentos e, na medicina veterinária, sua aplicação é hoje uma realidade com excelentes resultados práticos e inúmeras vantagens sobre as terapias convencionais.

Acreditamos que o que deve ser discutido e concluído é que a falta de conhecimento sobre a história desses medicamentos, seus princípios básicos, sua forma de agir no paciente e seus objetivos em cada caso são limitadores na utilização, prescrição e indicação na medicina veterinária atual. É preciso que se remova o véu da desconfiança e da falta de “fé” na terapia homeopática para que essa prática holística possa chegar até um número cada vez maior de pacientes.

Ainda, é fascinante perceber as inúmeras possibilidades que os medicamentos homeopáticos trazem quando se fala em produção animal orgânica. O apelo global por maior preservação ambiental é crescente e se soma às preocupações com a saúde humana e animal que buscam uma vida mais saudável, menos intoxicada por fármacos, agrotóxicos e venenos. Diante de tudo que foi abordado no presente trabalho, se conclui que o amanhã é extremamente promissor e aguarda apenas pelo interesse dos atuais e futuros médicos veterinários em descobrir as vantagens dessa terapia.

## REFERÊNCIAS

ABOUT Homeopathy. The North American Society of Homeopaths, [2018?]. Disponível em: <<https://homeopathy.org/about-homeopathy/>>. Acesso em: 02 abr. 2019.

AMALCABURIO, R. **Homeopatia em frangos de corte criados em sistema de semi-confinamento alternativo**. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Agrárias, Florianópolis, 2008.

ARENALES, M. C. Homeopatia em gado de corte. *In*: Conferência Virtual Global sobre Produção Orgânica de Bovinos de Corte, 1., 2002, Corumbá. **Anais**. Concórdia: University of Contestado; Corumba: Embrapa Pantanal, 2002.

BENEDETI, M. **Curando animais com a homeopatia**. 3. Ed. São Paulo: Mundo Maior Editora, 2010.

BENITES, N. R.; MELVILLE, P. A. Tratamento homeopático de melanoma maligno em cadela. **Cultura homeopática**, São Paulo, v. 2, n. 5, out-dez. 2003.

BRASIL, Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Farmacopeia homeopática**, 2011. Disponível em: <<http://portal.anvisa.gov.br/farmacopeia-homeopatica>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria Nº 971, de 3 de maio de 2006**. Aprova a Política nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde. Brasília; 2006. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt0971\\_03\\_05\\_2006.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt0971_03_05_2006.html)>. Acesso em: 15 abr. 2019.

BRUM, K. B., *et al.* Tratamento homeopático de gatos com eliminações de urina fora da caixa de areia. *In*: CONGRESSO DE HOMEOPATIA VETERINÁRIA DA AMVHB, 8., 2017, Londrina. **Resumos**. Associação Médico Veterinária Homeopática Brasileira.

BUDGIN, J. B.; FLAHERTY, M. J. Alternative Therapies in Veterinary Dermatology. **Veterinary Clinics: Small Animal Practice**, v. 43, p. 189–204, 2013.

CAMPOS, F. L.; CAMPOS, V. C. R. Abordagem homeopática de canino com dermatopatia - Relato de caso. **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**, Garça, São Paulo, n. 13, jul. 2009.

CHASE, S. M. What is Homeopathic Medicine? American Institute of Homeopathy, [2007?]. Disponível em: <<https://homeopathyusa.org/homeopathic-medicine.html>>. Acesso em: 02 abr. 2019.

DANTAS, F. O medicamento homeopático provoca efeitos adversos ou agravações medicamento dependentes? **Revista de Homeopatia**, São Paulo, v. 80, n. 1/2, 2017.

FERREIRA, W. L. **Limites e potencialidades do uso de preparados homeopáticos para controle sanitário animal em uma unidade de produção camponesa: estudo de caso**,

2018. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Agronomia) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Pontão, 2018.

FURUTA, S. E.; WECKX, L. L. M.; FIGUEIREDO, C. R. Estudo clínico, duplocego, randomizado, em crianças com amigdalites recorrentes submetidas a tratamento homeopático. **Revista de Homeopatia**, São Paulo, v. 80, n. 1/2, 2017.

GERMEL, E., *et al.* Tratamento homeopático para ansiedade em cães. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA/SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA-UNIANDRADE, 14., 2016, Curitiba. **Artigos expandidos**. Centro Universitário Campos de Andrade, Curitiba.

GIORDANO, C. R. **Importância da individualização do tratamento homeopático na medicina veterinária**. Trabalho de conclusão do Curso (Especialização em Homeopatia Veterinária) – Instituto Especializado em Homeopatia e Acupuntura Jacqueline Pecker, Campinas, 2018.

HAHNEMANN, S. **Exposição da doutrina homeopática, ou, Organon da arte de curar**. 5 ed. Brasileira. São Paulo: GEHSP. 2013.

IGLESIAS, L. Homeopatia na medicina veterinária. **UPIS - Faculdades Integradas**, Brasília. 2018. Disponível em: <[http://ssystem08.upis.br/repositorio/media/.../ebook\\_medicina-veterinaria-homeopatia.pdf](http://ssystem08.upis.br/repositorio/media/.../ebook_medicina-veterinaria-homeopatia.pdf)>. Acesso em: 02 abr. 2019.

IGLESIAS, L. P., *et al.* Casuística em dermatopatias no ambulatório veterinário do Instituto homeopático e de práticas integrativas no período de 2004 a 2011. *In*: CONGRESSO DE HOMEOPATIA VETERINÁRIA DA AMVHB, 8., 2017, Londrina. **Resumos**. Associação Médico Veterinária Homeopática Brasileira.

JESUS, R. A.; COUTINHO, C. A. Uso de medicamentos homeopáticos para o tratamento da mastite bovina: Revisão. **PUBVET**, Maringá, v. 12, n. 3, a58, p.1-10, mar. 2018.

KENT, J. T. **Lições de filosofia homeopática**. 3. ed. São Paulo: Editora Organon, 2014.

KOSSAK-ROMANACH, A. **Homeopatia em 1000 conceitos**. 3. ed. São Paulo: ELCID, 2003.

KRIGUER, L. S., *et al.* A aplicação da Homeopatia para controle de mastite e papilomatose bovina em rebanho leiteiro no vale do Ivaí. *In*: IX Congresso Brasileiro de Agroecologia. **Cadernos de Agroecologia** – ISSN 2236-7934 – vol. 10, n. 3, Pará, 2015.

LEES, P., *et al.* Comparison of veterinary drugs and veterinary homeopathy: part 1. **Veterinary Record**, Londres, v.181, n.7, p.170-176, ago. 2017a.

LEES, P., *et al.* Comparison of veterinary drugs and veterinary homeopathy: part 2. **Veterinary Record**, Londres, v.181, n.8, p.198-207, ago. 2017b.

LEN, L. S., *et al.* Uso da Homeopatia para Melhorar Índices Zootécnicos e Comportamentais na Criação de Frangos em Sistema Colonial. *In*: Seminário de Agroecologia da América do Sul, 2., 2016, Mato Grosso do Sul. **Artigo**. Embrapa Pantanal, Mato Grosso do Sul, 2016.

LOPES, D. F. Tratamento e estadiamento de linfoma canino com *Viscum album* ultradiluído e associações homeopáticas: relato de caso. *In: CONGRESSO DE HOMEOPATIA VETERINÁRIA DA AMVHB*, 8., 2017, Londrina. **Resumos**. Associação Médico Veterinária Homeopática Brasileira.

LOPES, D. F., *et al.* Hipersensibilidade tipo I em cão, um desafio homeopático: relato de caso. *In: CONGRESSO DE HOMEOPATIA VETERINÁRIA DA AMVHB*, 8., 2017, Londrina. **Resumos**. Associação Médico Veterinária Homeopática Brasileira.

LOUDON, I. A. brief history of homeopathy. **Journal of the Royal Society of Medicine**, Reino Unido, v. 99, p. 607–610, dez. 2006.

MARINS, R. S. Q. S. *et al.* Avaliação da eficácia da homeopatia e fitoterapia no tratamento da papilomatose cutânea bovina. **Revista Brasileira de Ciência Veterinária**, v. 13, n. 1, p. 10-12, jan./abr. 2006.

MENEZES, M. **A Homeopatia na promoção do Bem-Estar Animal**. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Homeopatia Veterinária) - Instituto Hahnemanniano do Brasil, Rio de Janeiro, 2011.

PAIXÃO, J. L. F. *et al.* Ganho de peso em bovinos leiteiros: comparação entre parasiticida químico convencional, fitoterápicos e homeopatia no controle de *R. microplus*. *In: CONGRESSO DE HOMEOPATIA VETERINÁRIA DA AMVHB*, 8., 2017, Londrina. **Resumos**. Associação Médico Veterinária Homeopática Brasileira.

PIRES, M. F. A. A homeopatia para animais. **Comunicado Técnico Embrapa**, n. 46, Juiz de Fora, 4p, 2005. Disponível em: < <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/.../COT-46-A-homeopatia-para-os-animais.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2019.

PUHL, V. J. *et al.* Uso da homeopatia na produção de leite orgânico. **ENCONTRO CIENTÍFICO e TECNOLÓGICO**, 13., Toledo. **Anais**. Toledo: Faculdade Assis Gurgacz - FAG Toledo, 2017.

PUSTIGLIONE, M. GOLDENSTEIN, E.; CHENCINSKI, Y. M. Homeopatia: um breve panorama desta especialidade médica. **Revista de Homeopatia**, v. 80, n. 1/2 suplemento, p. 6-15, 2017.

RANJAN, R., *et al.* Successful management of refractory cases of canine demodicosis with homeopathy medicine *Graphitis*. **Journal of Parasitic Diseases**, v. 38, n. 4, p. 417–419, out-dez. 2014.

SPINOSA, H. S. Farmacologia aplicada à medicina veterinária. 6. ed. – Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.

SOUZA, M. F. A. Homeopatia veterinária. *In: Conferência Virtual Global sobre Produção Orgânica de Bovinos de Corte*, 1., 2002, Corumbá. **Anais**. Concórdia: University of Contestado; Corumba: Embrapa Pantanal, 2002.

TARCITANO FILHO, C. M.; WAISSE, S. Novas evidências documentais para a história da homeopatia na América Latina: um estudo de caso sobre os vínculos entre Rio de Janeiro e

Buenos Aires. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 779-798, jul.-set. 2016.

VALLE, A. C. V *et al.* *Viscum album* no tratamento integrativo do colangiocarcinoma em cão (*cannis familiaris*): Relato de caso. In: CONGRESSO DE HOMEOPATIA VETERINÁRIA DA AMVHB, 8., 2017, Londrina. **Resumos**. Associação Médico Veterinária Homeopática Brasileira.

VARSHNEY, J. P. Clinical management of idiopathic epilepsy in dogs with homeopathic Belladonna 200C: a case series. **Homeopathy**, v. 96, p. 46-48, 2007.

VITHOULKAS, G. About Homeopathy. **International Academy of Classical Homeopathy**, [2016?]. Disponível em: < <https://www.vithoulkas.com/homeopathy/about-homeopathy>>. Acesso em: 24 mar. 2019.

WAISSE, S. Efeito de ultradiluições homeopáticas em modelos *in vitro*: revisão da literatura. **Revista de Homeopatia**, v. 80, n. 1/2, p. 98-112, 2017.